



Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Raquel Filipa Carvalho Silva Viveiros

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

ANÁLISE URBANA E PATRIMÓNIO ARQUITETURAL DA TRAFARIA

Orientadora Vertente Teórica

Doutora Soraya Genin, Professora Auxiliar do ISCTE-IUL

NOVO CONJUNTO HABITACIONAL DA TRAFARIA

Tutor Vertente Prática

Doutor Pedro Pinto, Professor Auxiliar do ISCTE-IUL

Novembro, 2019

*À minha mãe pelo apoio incondicional
e coragem.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida mãe, batalhadora, amiga, psicóloga e confidente nas horas difíceis.

Ao meu pai, o meu anjo da guarda, está sempre no meu coração.

Ao meu tio Pedro, pelas suas palavras de sabedoria.

Ao meu namorado, Hugo, por embarcar nesta aventura comigo e aos seus pais pelo apoio incansável.

Aos meus irmãos, Rita e Pedro, por estarem sempre presentes.

A todos os meus colegas com quem partilhei imensas gargalhadas, choros e noites mal dormidas, em especial à minha amiga Mafalda pelo suporte fundamental ao longo destes anos.

À minha orientadora, Soraya Genin, e ao meu tutor, Pedro Pinto, pela ajuda, dedicação e compreensão. E a todos os outros professores que fizeram parte do meu percurso académico.

A todas as pessoas que contribuíram para o meu sucesso ao longo do curso.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
ÍNDICE – PARTE I	xi
ÍNDICE DE FIGURAS	xii
PARTE I – ANÁLISE URBANA E PATRIMÓNIO ARQUITETURAL DA TRAFARIA	
I INTRODUÇÃO	3
II ANÁLISE HISTÓRICA E ARQUITETÓNICA DA TRAFARIA	11
III PLANOS URBANÍSTICOS DO CONCELHO DE ALMADA	71
IV LEVANTAMENTO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO E URBANO DA TRAFARIA	93
V ESTUDO TIPOLOGICO – CHALÉS	141
VI CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
PARTE II – NOVO CONJUNTO HABITACIONAL DA TRAFARIA	
I INTRODUÇÃO	
II COMPONENTE DE GRUPO	
III COMPONENTE INDIVIDUAL	

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise histórica e arquitetónica, e o estado de conservação do património arquitetónico e urbano da Trafaria, em particular dos seus chalés.

A Trafaria é uma freguesia pertencente ao concelho de Almada. Valorizou-se a partir de 1565, quando o Cardeal D. Henrique mandou construir um local de quarentena – Lazareto. Ganhou importância graças à sua posição geográfica, que potenciou a função militar e de estância balnear.

Apesar das diversas recomendações internacionais que incentivam a intervenção mínima e apelam à manutenção e conservação dos edifícios históricos, na Trafaria muitos destes edifícios encontram-se ao abandono, sobretudo o património militar. Para combater esta situação foram criados diversos programas de apoio à reabilitação, sobretudo para habitação.

Atualmente acresce a potencialidade da freguesia para turismo, na sequência da massificação turística de Lisboa. O estudo analisa o estado de conservação da Trafaria e a capacidade de responder a este fenómeno, para acolher o turismo e uma nova população resultante do processo de gentrificação em Lisboa.

A metodologia baseia-se na pesquisa bibliográfica e documental, trabalho de campo e análise dos dados. Foram analisadas as obras dedicadas à história da Trafaria. Posteriormente, o trabalho de campo engloba a análise *in situ*, levantamento fotográfico, e ainda levantamento da geometria dos chalés.

Esta investigação contribui para o conhecimento da freguesia, em particular do seu património militar e de veraneio, quando a Trafaria era estância balnear. Conclui-se que a medida prioritária de conservação deste património, é o seu conhecimento, razão pela qual são propostas inventariações. A análise do estado de conservação, mostra que o património arquitetónico mantém a sua autenticidade e integridade, incluindo dos chalés reabilitados. Importa assim, estudar, inventariar e conservar, respeitando o valor histórico e arquitetónico que ainda existe.

PALAVRAS CHAVE: Trafaria; Património; Conservação; Reabilitação; Chalés;

ABSTRACT

This work presents a historical, architectural analysis, and the state of conservation of the architectural and urban heritage of Trafaria, in particular its chalets.

Trafaria is a parish belonging to the municipality of Almada. It appreciated from 1565, when Cardinal D. Henrique had a quarantine site built. It gained importance thanks to its geographical position, which enhanced the military function and seaside resort.

Despite several international recommendations that encourage minimal intervention and call for the maintenance and conservation of historic buildings, in Trafaria many of these buildings find themselves abandoned, especially the military heritage. To combat this situation, several rehabilitation support programs have been created, mainly for housing.

Nowadays the parish potential for tourism increases, in sequence of the massification of tourism in Lisbon. The study analyzes the state of conservation of Trafaria and its ability to respond to this phenomenon, to welcome tourism and a new population resulting from the gentrification process in Lisbon.

The methodology is based on bibliographic and documentary research, field work and data analysis. Were analysed works dedicated to the history of Trafaria. Afterwards, the field work includes in situ analysis, photographic survey, and also chalets geometry survey.

This research contributes to the knowledge of the parish, in particular its military and summer heritage, when Trafaria was a seaside resort. It is concluded that the priority measure for conservation of this heritage is its knowledge, which is why inventories are proposed. The analysis of the state of conservation, shows that the architectural heritage maintains its authenticity and integrity, including the rehabilitated chalets. Thus, it is important to study, inventory, and conserve, while respecting the historical and architectural value that still exists.

KEYWORDS: Trafaria; Heritage; Conservation; Rehabilitation; Chalets

ÍNDICE – PARTE I

I INTRODUÇÃO	3
1.1 OBJETIVOS DO TRABALHO	3
1.2 OBJETO DE ESTUDO	4
1.3 METODOLOGIA	4
1.4 ESTADO DE ARTE	5
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO E CONTRIBUTOS	8
II ANÁLISE HISTÓRICA E ARQUITETÓNICA DA TRAFARIA	11
2.1 LOCALIZAÇÃO	13
2.2 ETIMOLOGIA DA PALAVRA <i>TRAFARIA</i>	15
2.3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA E CONSTRUTIVA	17
2.3.1 <u>AGRICULTURA</u>	19
2.3.2 <u>PESCA E EQUIPAMENTOS INDÚSTRIAS</u>	29
2.3.3 <u>CONSTRUÇÕES MILITARES E DE SEGURANÇA</u>	41
2.3.4 <u>PATRIMÓNIO RELIGIOSO</u>	61
2.3.5 <u>PATRIMÓNIO CULTURAL E RECREATIVO</u>	65
2.3.6 <u>PATRIMÓNIO RESIDENCIAL E VOCAÇÃO TURÍSTICA</u>	67
III PLANOS URBANÍSTICOS DO CONCELHO DE ALMADA	71
3.1 UTOPIA DE CASSIANO BRANCO PLANO DE URBANIZAÇÃO DA COSTA DA CAPARICA 1930	75
3.2 PLANO DE URBANIZAÇÃO DO CONCELHO DE ALMADA (PUCA) ARQUITETO ÉTIENNE DE GRÖER 1946	77

3.2.1 PLANO DE URBANIZAÇÃO DA COSTA DA CAPARICA (PUCC) ARQUITETO FARIA DA COSTA 1946	79
3.3 PLANO DE APROVEITAMENTO TURÍSTICO-RECREATIVO DA ZONA ATLÂNTIDA DA TRAFARIA AO FORTE DA TELHA (PATRZATFT) 1965	83
3.4 PLANO GERAL DE URBANIZAÇÃO DA TRAFARIA, VILA NOVA E COSTA DA CAPARICA (PGUTVNCC) ARQUITETOS CARLOS DUARTE E JOSÉ LAMAS 1979	85
3.5 PROJETO ESTRATÉGICO COSTA DA TRAFARIA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA 2004	87
3.6 TERMINAL DE CONTENTORES DA TRAFARIA 2013	91
IV LEVANTAMENTO DO PATRIMÓNIO ARQUITÉTÓNICO E URBANO DA TRAFARIA	93
4.1 PATRIMÓNIO INVENTARIADO NO SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO (SIPA)	96
4.2 PATRIMÓNIO NÃO INVENTARIADO – PROPOSTA INVENTARIAÇÃO	126
V ESTUDO TIPOLÓGICO – CHALÉS	141
5.1 CASA NA AVENIDA 25 DE ABRIL, nº19	145
5.2 CASA NA AVENIDA GENERAL MOUTINHO, nº31	153
5.3 CHALÉ MARIA HORTENSE, nº4 AVENIDA BULHÃO PATO	161
VI CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Localização da Trafaria - margem Sul - 2019,

[Escala n.d.]

Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 2. Enseada da Trafaria antes dos Silos - 1940,

Fotografia: Estúdio Mário Novais

Fonte: Biblioteca de Arte Gulbenkian - <http://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=182323&img=67193>

Figura 3. Enseada da Trafaria depois dos Silos - 1987,

Fotografia: Guilherme Venâncio

Fonte: <https://www.facebook.com/PasteisdeAlMadan/photos/a.569438516418959/809062919123183/?type=3&theater>

Figura 4. Carta Náutica representando as duas margens - 1673,

Autor: Luís Serrão Pimentel

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal - <http://purl.pt/32616/3/html/index.html#/148-149>

Figura 5. Barco abandonado na Trafaria - 2019,

Fotografia: António Firmino

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2520972617931477&set=g.219483155156324&type=1&theater&ifg=1>

Figura 6. Planta de Lisboa e Setúbal - 1773,

Autor: Joseph Smith Speer

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal - <http://purl.pt/27018/2/>

Figura 7. Família de Agricultores da Trafaria na Quinta do Bonaparte,

Fonte: *OuTrafaria* (Leal 2014, p. 35)

Figura 8. Lagar de Vara para prensagem do mostro, século XX. Museu Etnográfico da Madeira

Fonte: <https://museus.madeira.gov.pt/DetalhesObra/Index/1553?tipo=OBJ>

Figura 9. Localização do Moinho de Maré - 2019,

[Escala n.d.]

Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 10. Moinho de Maré de Corroios (1403) - 2019,

Fonte: <http://www.cm-seixal.pt/ecomuseu-municipal/moinho-de-mare-de-corroios>

Figura 11. Moinho de Vento em Alcobaça,

Fonte: *Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistema de Moagem* (Galhano; Oliveira & Pereira 1983, p. 274)

Figura 12. Corte Tipo,

Fonte: *Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistema de Moagem* (Galhano; Oliveira & Pereira 1983, p. 270)

Figura 13. Planta do Terreno desde Cacilhas até à Costa – 1813,

Autor: Manoel Joaquim Brandão de Souza

Fonte: GEAEM – Direção de Infraestruturas do Exército

Figura 14. Moinho da Pera (1) transformado em habitação - 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 15. Moinho dos Buxos (2) degradado - 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 16. Moinhos do Areal da Trafaria (3) - 1909,

Autor: ed. Manuel Henriques

Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2015/06/o-juncal.html>

Figura 17. Vendedores de peixe na Trafaria - 1921,

Fotografia: João Penha Lopes

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

Figura 18. Transporte de sardinha na Trafaria – início século XX,

Fotografia: Joshua Benoliel

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - [http://arquivomunicipal2.cm-](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=2102700&Mode=M&Linha=1&Coluna=1)

[lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=2102700&Mode=M&Linha=1&Coluna=1](http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=2102700&Mode=M&Linha=1&Coluna=1)

Figura 19. Saveiro – 1962,

Fonte: <https://www.delcampe.net/fr/collections/cartes-postales/portugal/lisboa/portugal-costa-da-caparica-pescadores-1962-667559695.html>

Figura 20. Caique – 1891,

Autor: Artur Baldaque da Silva

Fonte: <http://blog-de-historia.blogspot.com/2008/02/pequenas-batalhas-navais-iii-trafaria.html>

Figura 21. Localização da Fábrica de Moagem do Caramujo - 2019,

[Escala n.d.]

Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 22. Fábrica de Moagem do Caramujo (1872) – 1900,

Autor: Alexandre Flores

Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/search?q=FÁBRICAS>

Figura 23. Localização das Fábricas - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 24. Antiga chaminé da Fábrica de *Dynamite* (3), sendo hoje a Escola B2+3 da Trafaria - 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 25. Localização da Fábrica 23 de Fevereiro da Firma Mariano Martins (5) - 1918,
Fonte: https://canthecan.net/company/mariano-martins-ca-*-trafaria/

Figura 26. Soldados do Regimento de Artilharia – 1933,
Fonte: https://www.delcampe.net/en_US/collectibles/postcards/portugal/setubal/trafaria-real-photo-soldados-do-regimento-de-artilharia-almada-284068039.html

Figura 27. Localização dos limites do Lazareto – 2019
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 28. Vista aérea do Lazareto/Forte/Presídio – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Imagem retirada do bing.com/maps

Figura 29. Localização de Igrejas, Capela e Forte – 1793,
Autores: Discípulos da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho
Fonte: GEAEM – Direção de Infraestruturas do Exército -
<http://arquivodigital.defesa.pt/Images/winlibimg.aspx?skey=&doc=286166&img=32824>

Figura 30. Localização de Igrejas e Forte – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 31. Foto aérea do Lazareto/Forte/Presídio – 2016,
Fonte: Ortofotomapa retirado de <https://www.passear.com/2016/10/presidio-da-trafaria-acolhe-tres-exposicoes/>

Figura 32. Planta do Terreno desde Cacilhas até à Costa, com identificação da linha fortificada dos redutos – 1813,
Autor: Manoel Joaquim Brandão de Souza
Fonte: GEAEM – Direção de Infraestruturas do Exército

Figura 33. Localização do reduto ainda existente na Trafaria – Reduto Raposeira Pequeno, nº13 –2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 34. Planta Reduto Raposeira Pequeno nº13 – 1809,
Fonte: *A Defesa de Lisboa* (Lobo 2015)

Figura 35. Localização do Reduto Raposeira Pequeno, nº13 – 2019,

[Escala n.d.]

Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 36. Vista geral da Trafaria com o Quartel e ferrovia assinalados – 1906-10,

Autor: ed. Manuel Henriques nº13

Fonte: <https://www.delcampe.net/fr/collections/cartes-postales/portugal/setubal/trafaria-almada-portugal-years-1906-1910-postal-com-defeito-postcard-613864576.html>

Figura 37. Identificação do complexo militar construído no âmbito do CEL - 1890,

[Escala n.d.]

Fonte: Reprodução em planta com base nas suas localizações

Figura 38. Bateria de Alpena – 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 39. Bateria de Alpena – 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 40. Bateria de Alpena – 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 41. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 42. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 43. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 44. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 45. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 46. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,

Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 47. Quartel do Grupo de Artilharia nº4 – 1979,

Autor: ed. João Quirino Rocha nº5

Fonte: https://www.delcampe.net/en_US/collectibles/postcards/portugal/setubal/almada-trafaria-militares-quarteis-quartel-de-artilharia-4-ed-j-quirino-rocha-n-5-carte-postale-379181180.html

Figura 48. Quartel do Grupo de Artilharia nº4 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 49. Alçado Norte (N) complexo 1 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 50. Alçado Este (E) complexo 2 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 51. Alçado Norte (N) complexo 3 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 52. Procissão na Trafaria – 2015,
Fonte: https://www.scma.pt/noticias-2015/-/asset_publisher/bfXTCdcv7PcZ/blog/passagem-da-imagem-de-nossa-sra-de-fatima-pela-trafaria

Figura 53. Localização das Igrejas e Capela - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 54. Igreja de São Pedro (1) séc. XVIII – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 55. Igreja N^a Sr.^a da Conceição (2) séc. XVI – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 56. Capela N^a Sr.^a da Saúde (3) séc. XVII– 2019,
Fotografia: Margarida Bico

Figura 57. Localização das coletividades - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 58. Sociedade Recreativa Musical (1) (1900) – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 59. Clube de Futebol da Trafaria (2) (1937) – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 60. Praia de banhos na Trafaria,
Autor: ed. Alberto Aguiar
Fonte: <https://www.delcampe.net/fr/collections/cartes-postales/portugal/setubal/almada-trafaria-praia-de-banhos-ed-alberto-aguiar-carte-postale-317501638.html>

Figura 61. Fila para as camionetas que levavam os passageiros para as praias da Costa – 1957,

Autor: ed. Passaporte

Fonte: <https://www.delcampe.net/fr/collections/cartes-postales/portugal/setubal/trafaria-aspecto-da-praia-e-bicha-para-as-camionetas-da-caparica-almada-edicao-passaport-341454793.html>

Figura 62. Fotografia aérea da Costa da Caparica - 1930,

Fotografia: Manuel Barros Marques

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

Figura 63. Fotografia aérea da Costa da Caparica - 1930,

Fotografia: Manuel Barros Marques

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

Figura 64. Plano de Urbanização da Costa - 1930,

Autor: arquiteto Cassiano Branco

Fonte: http://gandaia.info/?attachment_id=8007

Figura 65. Plano Voisin - 1925, Paris,

Autor: arquiteto LeCorbusier

Fonte: https://mdc.arq.br/2012/03/20/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da-semana-de-22/07-13-plan-voisin_p-117/

Figura 66. Cidade Industrial – Início Séc. XX, Sudoeste de França,

Autor: arquiteto Tony Garnier

Fonte: <https://thaa2-blog.tumblr.com>

Figura 67. Plano de Urbanização do Concelho de Almada (PUCA) – Esquema das grandes artérias – 1946,

Autores: arquitetos Étienne de Gröer e Faria da Costa

Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2015/12/plano-de-urbanizacao-da-costa-da.html>

Figura 68. Plano de Urbanização da Costa da Caparica (PUCC) – Localização da Escola Primária – 1946,

Autor: arquiteto Faria da Costa

Fonte: Biblioteca de Arte Gulbenkian - <http://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=182623&img=67318>

Figura 69. Localização da Escola Primária - 2019,

[Escala n.d.]

Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 70. Planta com identificação do recuo da linha de costa ao longo dos anos – 2019,

[Escala n.d.]

Autor: Raquel Viveiros

Figura 71. Localização dos esporões e da areia que se deposita ao pé dos Silos – 2019,

[Escala n.d.]

Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 72. Identificação da via-rápida entre a Cova do Vapor e a Costa da Caparica – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 73. Plano da área da Trafaria – Costa da Caparica. Planta Geral – Utilização do Solo – 1980,
Autores: arquitetos Carlos Duarte e José Lamas
Fonte: *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade* (Lamas 2010, p.470)

Figura 74. Plano Pormenor da Frente Urbana sobre o Tejo na Trafaria –1987,
Autores: arquitetos Carlos Duarte e José Lamas
Fonte: *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade* (Lamas 2010, p.468)

Figura 75. Localização do Plano Estratégico para a Costa da Trafaria,
[Escala n.d.]
Fonte: Câmara Municipal de Almada - http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_grv=BOUI=403450225&actualmenu=410821958

Figura 76. Localização do Plano de Pormenor São João da Caparica,
[Escala n.d.]
Fonte: Câmara Municipal de Almada - http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_grv=BOUI=377436899&actualmenu=410862396

Figura 77. Localização do Plano de Pormenor do Torrão,
[Escala n.d.]
Fonte: Câmara Municipal de Almada - http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_grv=BOUI=377449274&actualmenu=410871588

Figura 78. Localização do Plano de Pormenor das Abas da Raposeira,
[Escala n.d.]
Fonte: Câmara Municipal de Almada - http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_grv=BOUI=391605778&actualmenu=410876551

Figura 79. Localização do Plano de Pormenor da Corvina/Raposeira,
[Escala n.d.]
Fonte: Câmara Municipal de Almada - http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_grv=BOUI=391640617&actualmenu=410878472

Figura 80. Localização do Plano de Pormenor de Expansão Sul da Trafaria,
[Escala n.d.]
Fonte: Câmara Municipal de Almada - http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_grv=BOUI=394055493&actualmenu=410883804

Figura 81. 1ª Fase do projeto dos Contentores na Trafaria – 2013,
[Escala n.d.]
Fonte: <http://candeiasblogger-omeuarquivo.blogspot.com/2013/>

Figura 82. Localização do Património Inventariado no SIPA - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 83. Escola Básica nº1 da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27247

Figura 84. Escola Básica nº1 da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 85. Edifício da Delegação Marítima da Trafaria – 2009,
Fotografia: Desconhecido
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27423

Figura 86. Edifício da Delegação Marítima da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 87. Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27248

Figura 88. Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 89. Forte da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32962

Figura 90. Forte da Trafaria – 2019,
Fotografia: Milena de Villiers

Figura 91. Posto Guarda Nacional Republicana – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27249

Figura 92. Posto Guarda Nacional Republicana – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 93. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32974

Figura 94. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 95. Vivenda Filipe Neto | Avenida 25 de Abril, nº18 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32973

Figura 96. Vivenda Filipe Neto | Avenida 25 de Abril, nº18 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 97. Edifício na Rua António José Martins – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32970

Figura 98. Edifício na Rua António José Martins – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 99. Casa na Rua António José Martins, nº3 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32971

Figura 100. Casa na Rua António José Martins, nº3 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 101. Casa na Rua 5 de Outubro, nº37 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32975

Figura 102. Casa na Rua 5 de Outubro, nº37 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 103. Casa na Rua 5 de Outubro, nº68 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32972

Figura 104. Casa na Rua 5 de Outubro, nº68 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 105. Casal Bragança – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32976

Figura 106. Casal Bragança – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 107. Vivenda Santa Maria | Avenida Bulhão Pato, nº75 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32969

Figura 108. Vivenda Santa Maria | Avenida Bulhão Pato, nº75 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 109. Casa na Avenida Bulhão Pato, nº65 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32968

Figura 110. Casa na Avenida Bulhão Pato, nº65 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 111. Casa na Avenida Bulhão Pato, nº45 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32967

Figura 112. Casa na Avenida Bulhão Pato, nº45 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 113. Vivenda Maria Manuel | Avenida Bulhão Pato, nº43 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32966

Figura 114. Vivenda Maria Manuel | Avenida Bulhão Pato, nº43 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 115. Chalé Maria Hortense | Avenida Bulhão Pato, nº4 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32960

Figura 116. Chalé Maria Hortense | Avenida Bulhão Pato, nº4 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 117. Fábrica na Rua Guedes Coelho – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32964

Figura 118. Fábrica na Rua Guedes Coelho – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 119. Fábrica de Conservas de Peixe Narciso – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32961

Figura 120. Fábrica de Conservas de Peixe Narciso – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 121. Coreto da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27245

Figura 122. Coreto da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 123. Cineteatro da Trafaria – 2000,
Fotografia: Desconhecido
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10602

Figura 124. Cineteatro da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 125. Casino Costa Rica – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32959

Figura 126. Casino Costa Rica – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 127. Mercado Municipal da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=32963

Figura 128. Mercado Municipal da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 129. Chafariz da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27246

Figura 130. Chafariz da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 131. Igreja de São Pedro – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27243

Figura 132. Igreja de São Pedro – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 133. Igreja Nossa Senhora da Conceição – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23961

Figura 134. Igreja Nossa Senhora da Conceição – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 135. Estação Fluvial da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25091

Figura 136. Estação Fluvial da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 137. Localização do Património Não Inventariado – Proposta para Inventariação 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 138. Moinho dos Buxos – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 139. Moinho dos Buxos – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 140. Bateria de Alpena – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 141. Bateria de Alpena – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 142. Reduto Raposeira Pequeno, nº13 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 143. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 144. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 145. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 146. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 147. Quartel do Grupo de Artilharia, nº4 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 148. Quartel do Grupo de Artilharia, nº4 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 149. Casa na Rua Bulhão de Pato, nº6 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 150. Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 151. Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 152. Capela de Nossa Sr.^a da Saúde – 2019,
Fotografia: Milena de Villiers

Figura 153. Lazareto / Presídio – exterior – 2019,
Fotografia: Milena de Villiers

Figura 154. Lazareto / Presídio – interior: corredor – 2019,
Fotografia: Milena de Villiers

Figura 155. Localização dos três casos de estudos – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 156. Localização da Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 157. Planta da Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros

Figura 158. Porta de entrada – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 159. Hall de entrada – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 160. Portas para a sala de estar – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 161. Teto da sala de estar – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 162. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – Fachada Principal – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 163. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – Trapeira (sótão) – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 164. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – Desenho Técnico Fachada – 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros

Figura 165. Localização da Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 166. Planta do piso 1- Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros

Figura 167. Chão entrada cozinha - Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 168. Pormenor do teto da sala - Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 169. Fachada da Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 170. Fachada da Travessa Augusto Paiva, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 171. Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – Desenho Técnico Fachada da Av. Gen. Moutinho – 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros

Figura 172. Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – Desenho Técnico Fachada da Tv. Augusto Paiva – 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros

Figura 173. Localização do Chalé Maria Hortense, nº4 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Figura 174. Plantas do projeto, vermelhos e amarelos, do Chalé Maria Hortense, nº4 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Atelier [Tkv.ngs.arquitectos@gmail.com](mailto:tkv.ngs.arquitectos@gmail.com)
Desenhos cedidos: Arquiteto Nuno Galo Santos

Figura 175. Pormenor teto em estuque antes da reabilitação – 2018/19,
Fotografia: Arquiteto Nuno Galo Santos

Figura 176. Pormenor teto em estuque depois da reabilitação – 2018/19,
Fotografia: Arquiteto Nuno Galo Santos

Figura 177. Postal com indicação do chalé,
Fonte: Site Delcampe: https://www.delcampe.net/en_GB/collectables/postcards/portugal/unclassified/portugal-trafaria-688192879.html

Figura 178. Chalé antes da reabilitação – 2018/19,
Fotografia: Arquiteto Nuno Galo Santos

Figura 179. Mansarda com a bandeira brasileira no remate superior – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 180. Pormenor beirado antigo – 2018/19,
Fotografia: Arquiteto Nuno Galo Santos

Figura 181. Pormenor do beirado reabilitado - 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 182. Chalé reabilitado - 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

**PARTE I – ANÁLISE URBANA E PATRIMÓNIO ARQUITETURAL DA
TRAFARIA**



*Figura 1. Localização da Trafaria - margem Sul - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt*



I | INTRODUÇÃO

A ideia de trabalhar sobre o património cultural e, principalmente, de pensar as questões que este assunto tão abrangente aborda é entusiasmante, uma vez que é um tema bastante pertinente nos dias de hoje.

Apesar das diversas recomendações internacionais que incentivam a intervenção mínima e apelam à manutenção e conservação dos edifícios, na prática, isto não se observa.

Quando o assunto é património edificado, na maioria das vezes, verificam-se intervenções que, através de demolições e alterações, descaracterizam a sua autenticidade.

Existem, ainda, casos onde não se realizam intervenções, ficando os edifícios sem qualquer uso, condenados à ruína.

Ora deixar edifícios chegar ao ponto de ruína não deixa de ser irónico por dois motivos: há falta de habitação, especialmente, nas grandes metrópoles de Lisboa e Porto, e, além disso, o crescente turismo que, em Portugal, funciona como um dos principais motores económicos do país.

Para reverter esta situação de património degradado e abandonado, foram criados diversos programas de apoio à reabilitação urbana.

1.1 | Objetivos do Trabalho

Neste trabalho e em conjunto com o trabalho realizado na vertente prática, pretende-se analisar o território da Trafaria, as suas características e o estado de conservação do património arquitetónico e urbano.

1.2 | Objeto de Estudo

O objeto de estudo é a freguesia da Trafaria. Apesar de se estudar toda a área que circunscreve o núcleo histórico dessa zona, o foco será mais direcionado para uma das tipologias existentes no local: os chalés.

O património arquitetónico encontra-se bastante degradado, alguns em ruínas. Contudo, a zona está a ser alvo de um plano de reabilitação urbana.

A questão que aqui importa colocar é: Como é que uma zona tão próxima de Lisboa se encontra atualmente para responder tanto à massificação por parte de turistas, como à possível vinda de parte da população de Lisboa, na sequência do processo de gentrificação¹?

1.3 | Metodologia

A metodologia para a realização deste trabalho inclui: pesquisa documental, trabalho de campo e análise da informação obtida. Para a pesquisa histórica, foram procuradas todas as obras que elucidam e contextualizam a história da Trafaria e a sua evolução. Posteriormente, o trabalho de campo engloba a análise *in situ*, levantamento fotográfico, e ainda levantamento da geometria dos chalés. Para analisar o estado de conservação do património arquitetónico, foram elaboradas fichas técnicas de todos os edifícios inventariados pela SIPA², e os que não estão

¹ "Processo de valorização imobiliária de uma zona urbana, geralmente acompanhada da deslocação dos residentes com menor poder económico para outro local e da entrada de residentes com maior poder económico." "**gentrificação**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/gentrifica%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 16-09-2019].

² SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

inventariados, mas que fazem parte do património arquitetónico e urbano da Trafaria. Os critérios utilizados são os disponibilizados pela DGPC³.

Foram consultadas as seguintes bibliotecas e arquivos: a Biblioteca do ISCTE, Biblioteca Nacional de Portugal, Arquivo Histórico Militar, GAEAM – Direção de Infraestruturas do Exército, Câmara Municipal de Almada, Junta de Freguesia da Trafaria, Biblioteca da Trafaria, e, ainda, a pesquisa de conteúdos através de repositórios online.

1.4 | Estado de Arte

A falta de informação sobre a história da Trafaria e o seu património são sinais de alguma indiferença perante esta terra.

Para Carlos Barradas Leal, o conhecimento chega por diversas vias, o que torna difícil apurar a veracidade dos factos apresentados. *“O que sabemos sobre a História da Trafaria? Aqui e acolá alguns elementos escritos e outros que ouvimos dizer, informação dispersa e por vezes mal divulgada [...] por falta de demonstração de outras evidências, achamos que sempre foi assim”* (Leal, 2014, p. 5).

Apesar de esta ser uma das *“mais antigas povoações do concelho de Almada”*, como afirma Soares (SOARES, 1986, intro.), muito pouco é dito sobre a Trafaria, e o que é referenciado raramente é positivo, citando Raul Brandão ao caracterizá-la como *“horível Trafaria”* (Brandão, 2014, p. 65).

Contudo, felizes são aqueles que conseguem ver beleza numa *“terra amaldiçoada pelo destino”* (Gomes, 2016).

³ DGPC – Direção Geral do Património Cultural

A posição geográfica da Trafaria foi um fator determinante tanto para os acontecimentos negativos, como para os positivos, que para sempre ficaram marcados na sua história.

O facto de estar na outra margem, mas, mesmo assim, se encontrar próxima de Lisboa, fez a Trafaria refém de tudo o que Lisboa não queria ter na sua costa, *“sítio afastado [...], mas de acesso rápido e fácil [...] servia a Trafaria de depósito para o que fosse indesejável na Capital.”* (Leal, 2014, p. 8). Isto verificou-se quando o Cardeal D. Henrique ordenou que se *“[...] fizesse uma casa para algumas pessoas dos Reinos de Inglaterra e de outras partes que estão impedidas de maldade [...] serem postas em degredo, em parte onde se possam assoalhar o tempo que for necessário”*(Leal, 2014, p. 86).

Não obstante, a esta função de *“impedimento”* (Leal, 2014, p. 9) caracterizadora do ponto de vista positivo, houve dois aspetos marcantes que impulsionaram a evolução do núcleo urbano e trouxeram alguma notoriedade, sendo estes a função militar e a de estância balnear.

No entanto, não deixaram marca suficiente para que a Trafaria fosse vista como um polo social que se pudesse equiparar a outras áreas, como conseguiu a sua *“vizinha”*, (Leal, 2014, p. 117) a Costa da Caparica.

Relativamente à função militar, para Carlos Leal, a Trafaria *“[...] sob o ponto de vista militar e dada a sua posição geográfica, desde cedo assumiu uma posição estrategicamente importante”* (Leal, 2014, p. 76). Assim sendo, procedeu-se à construção de múltiplas fortificações militares. Embora hoje se identifiquem ao abandono, como afirma António Correia *“[...] esta margem e os vossos lugares cujas tradições se vão perdendo, pouco a pouco, e não só até os vestígios dos lugares históricos.”* (CORREIA, 1978, abertura), e sejam poucas as que se encontram classificadas, estas assumem um forte valor patrimonial para aquela área. Algumas destas fortalezas, como refere Manuel Lourenço Soares, foram, em tempos, *“consideradas das melhores da Europa”* devido a vários aspetos. Em primeiro lugar, nota-se um certo cuidado na

escolha do responsável da obra: “[...] o construtor geral deste aquartelamento foi o empreiteiro de obras públicas [...]”(Soares, 1986, p. 62). Do mesmo modo, verifica-se, o mesmo prestígio nos materiais de construção: “[...] a pedra para a construção das baterias (fortes) veio de pedreiras da região de Paço de Arcos [...]” (Soares, 1986, p. 62).

Relativamente à Trafaria como estância balnear, Soares revela que esta foi “[...] a primeira colónia balnear infantil, especialmente criada para beneficiar as crianças escrofulosas de Lisboa” (Soares, 1986, p. 67). Leal, ao mencionar a descoberta das “[...] virtualidades terapêuticas da água do mar [...]” (Leal, 2014, p. 108), apresenta a Trafaria com um estatuto ao qual não estava habituada - “[...] assumia-se como a mais seleta e organizada das estâncias balneares a sul do Tejo [...] à moda dos banhos de mar, contribuía para que a localidade se tornasse um polo de atração para os estratos urbanos [...]” (Leal, 2014, p. 110).

Ainda que a evolução e o progresso estivessem ligados à localidade, “[...] a ruralidade foi um [...] traço marcante na Trafaria, primeiro como elemento fundador, mas até ao século XX sempre presente no dia a dia” (Leal, 2014, p. 38). Esta ruralidade associa-se à agricultura, à pesca e, posteriormente, à indústria, que obteve poucos desenvolvimentos ao longo dos tempos.

Todavia, todos estes aspetos não foram suficientes para que se visse livre da sua reputação negativa como “[...] depósito de condenados a degredo. Foi esta a marca mais duradoura e conhecida, até hoje associada [...]” (Leal, 2014, p. 11). Muitos são os autores que descreveram a Trafaria de maneira negativa. Nota-se uma certa tristeza na forma como os relatos são feitos, pois o “[...] otimismo e esperança nas potencialidades que apresentava a Trafaria” (Leal, 2014, p. 18) nunca se chegou a verificar ou viu-se muito pouco. Do bom que ainda resta, ou tomou outras funções que em nada dignificam a sua identidade, ou está abandonado. Sousa, naquela altura, dá um exemplo: “[...] a ermida da Senhora da Saúde que há pouco tempo tinha porta e telhado, mas que ameaça próxima ruína. Está transformada em curral de gado!” (Sousa, 1981, p. 109). Não se pode dizer que não foram várias as tentativas por

parte da população para tentar reverter o estado da situação, como é o caso de António José Martins, o *“Impulsionador para uma nova Trafaria”* (Soares, 1980, p. 79), ou de Marie Yvone Faber, *“Fundadora do centro de assistência social[...]”* (Soares, 1980, p. 109). Mas, enquanto a Trafaria continuar a ser *“[...] esquecida pelas administrações municipais e governamentais”* (Leal, 2014, p. 58), muitos sacrifícios continuarão a ser em vão. A previsão, numa opinião pessoal, é a de que haverá um interesse (que estará muito para breve) no lucro⁴ que esta zona proporcionará.

É de extrema importância uma reabilitação cuidada deste núcleo. Caso contrário, tratar-se-á apenas de mais um triste episódio, como a destruição da enseada⁵ para a construção dos silos da Silopor (fig.3). Como antecipavam os autores do livro *Trafaria: A comunidade e o Recreio*, *“[...] a fama das suas praias apenas ficou na história – a construção do terminal cerealífero e das vilas integradas na expansão portuária da AGPL⁶ será a machadada final numa zona de praia já de si bastante degradada”* (Barroso, Jesus, & Gonçalves, 1982, p. 1).

1.5 | Estrutura do Trabalho e Contributos

O trabalho divide-se em quatro capítulos principais, iniciando-se pela Análise Histórica e Arquitetónica da Trafaria. Posteriormente, são descritos os principais Planos Urbanísticos do Concelho de Almada. Além disso, é feito um Levantamento do Património Arquitetónico e Urbano da Trafaria, património este que se encontra ou não inventariado. E por fim, é feito um Estudo Tipológico sobre os Chalés. Uma vez contactada a Câmara de Almada para disponibilização de plantas dos chalés, soube-se que esta não possuía nenhum registo. Assim, após a realização dos levantamentos, todo o trabalho desenvolvido será cedido à Câmara.

⁴ Lucro este que vai surgir através da entrada de turistas e especulação imobiliária.

⁵ Decompueram a linha de costa, estragando a praia com a criação de um aterro para albergar os silos.

⁶ AGPL – Administração Geral do Porto de Lisboa



*Figura 2. Enseada da Trafaria antes dos Silos - 1940,
Fotografia: Estúdio Mário Novais*



*Figura 3. Enseada da Trafaria depois dos Silos - 1987,
Fotografia: Guilherme Venâncio*

II | ANÁLISE HISTÓRICA E ARQUITETÓNICA DA TRAFARIA

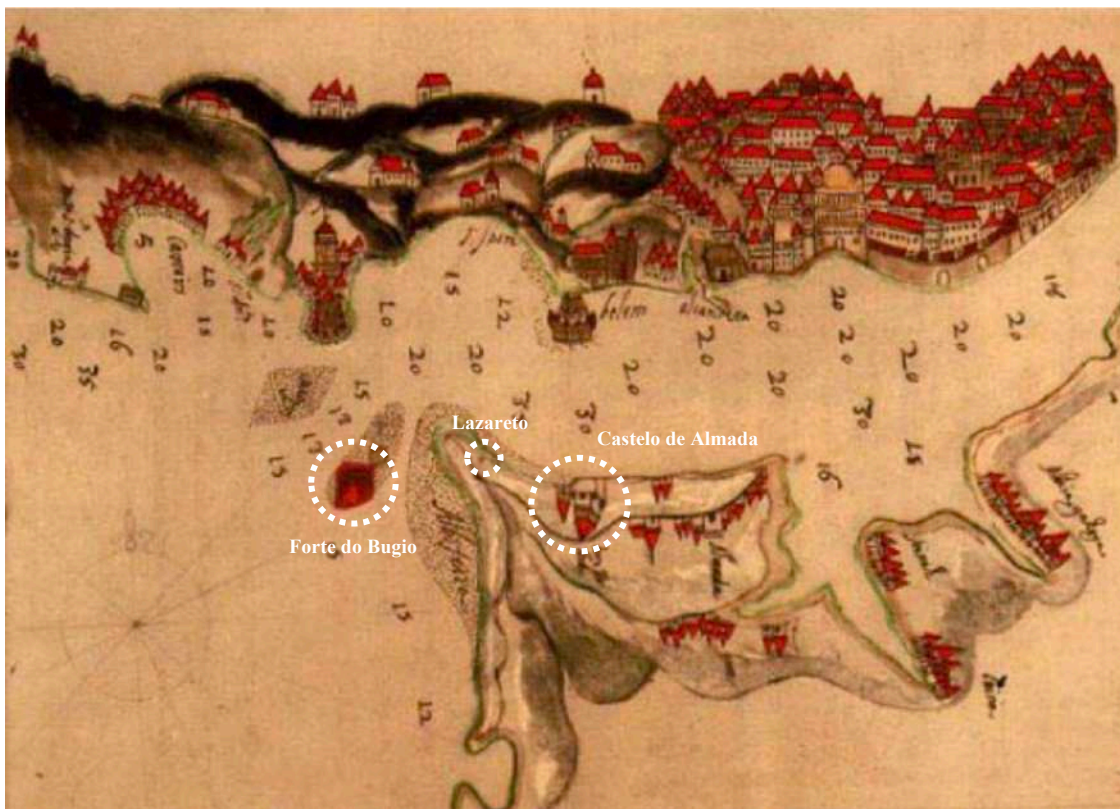


Figura 4. Carta Náutica representando as duas margens - 1673,
 Autor: Luís Serrão Pimentel



Nesta figura, verifica-se a diferença no desenvolvimento que, em 1673, já era notório entre as duas margens, sendo que, na margem sul, se encontram apenas representados o Castelo de Almada, o Bugio e alguns apontamentos de construções no seu interior - a sua maioria eram quintas privadas. A freguesia da Trafaria não se encontra referida, estando, apenas, indicado o Lazareto.

2.1 | Localização

A Trafaria, pertencente ao concelho de Almada, situa-se na margem sul do Tejo. Até 1873, fazia parte da freguesia da Caparica, mas, posteriormente, deu-se a sua separação e passou a ser a Freguesia da Trafaria. Em 2013, tornaram a ser novamente agregadas, cujo nome atual é União das Freguesias da Caparica e Trafaria.

A área de estudo está delimitada a Norte pelo rio Tejo e a Oeste pelo Oceano Atlântico. O que hoje é um núcleo histórico inventariado⁷, outrora já foi um “[...] lugar longínquo, apenas areal, rio e eventualmente alguma vegetação.” (Leal, 2014, p. 8).

Até ser construído o Lazareto na Trafaria (1565), muito limitados são os dados relativamente à origem da vila, havendo apenas alguns apontamentos sobre vestígios arqueológicos Paleolíticos em Brielas, doação de terras de Almada às ordens religiosas e, ainda, a doação de D. Afonso V a Álvaro Távora⁸ (Leal, 2014, p. 8).

Apesar de não constarem registos de povoamento na Trafaria, o mesmo não se verificou nas encostas de Murfacém (ou “Morfacém”) e Alpena, as quais já se encontravam com algum desenvolvimento populacional devido às quintas que os fidalgos e nobres possuíam. Até então, a Trafaria encontrava-se descrita apenas como uma zona de praia (Leal, 2014, p. 34).

⁷ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27647

⁸ No livro *OuTrafaria* p.8, encontra-se: 1186 - Doação de D. Sancho I à Ordem de Santiago dos Castelos de Alcácer, Palmela e Almada; 1449 – Doação de D. Afonso V a Álvaro Pires de Távora; 1450 – Doação da Quinta de Fernão Afonso de localizada em Murfacém à Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo;



*Figura 5. Barco abandonado na Trafaria - 2019,
Fotografia: António Firmino*

2.2 | Etimologia da Palavra *Trafaria*

Existem várias versões sobre a origem do nome *Trafaria*, não se sabendo qual será a mais correta.

Para Frei João de Sousa⁹, advém da palavra árabe *tarifa*, que significa “cousa extrema, final ou última” (Rodrigues & Pereira, 1911).

Para Baldaque Silva¹⁰, surge através do termo *tarrafa*, que é um “tipo de armação de pesca” (Sousa, 1985, p. 35).

Por último, para David Lopes¹¹, “resulta do árabe *traf* acrescido do latim *arena* que, em geral, significa areia. *Trafaria* seria, portanto, ponta da areia” (Sousa, 1985, p. 35).

⁹ Escritor da obra *Vestígios da língua árabe em Portugal ou Léxico etimológico de palavras e nomes portugueses que tem origem árabe*. 1789 retirado de: <http://www.arqnet.pt/dicionario/sousajoaof.html>

¹⁰ Oficial da armada e Engenheiro Hidrógrafo, retirado de: http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2010/07/2002_baldaque.pdf

¹¹ Investigador e estudioso da influência da língua árabe na toponímia portuguesa, retirado de: <http://trafaria-historia8-1.blogspot.com/>



Figura 6. Planta de Lisboa e Setúbal - 1773,
Autor: Joseph Smith Speer



Nesta cartografia, mais uma vez, o núcleo da Trafaria não se encontra identificado, demonstrando ainda a pouca importância deste e fazendo referência, apenas, à localidade de “Morfácem”, que pertence à freguesia da Trafaria, onde já havia um desenvolvimento mais acentuado - ainda que distante do desenvolvimento que já ocorria em Lisboa. O lazareto, nesta cartografia, não se encontra representado.

2.3 | Evolução Histórica e Construtiva

O concelho de Almada, desde muito cedo, por volta do século XIII, que era procurado por gente com fortes possibilidades económicas para instalação das suas quintas. Este fator contribuía para a vinda de pessoas de fora para estas zonas, uma vez que lhes era dado um salário para trabalharem na produção agrícola dentro das quintas (Flores, 2009, p. 141).

Devido à topografia particular desta margem, verificam-se duas situações curiosas.

A primeira situação é que no interior do território, onde não havia cursos de água, estando estes locais protegidos dos ventos pelas arribas, beneficiavam da humidade marítima, fator que permitiu que se praticasse uma “*cultura de sequeiro*”¹² (Flores, 2009, p. 141). Assim a Caparica, possuía grandes quintas ocupadas com plantação de vinhas.

A segunda situação é que, junto às proximidades do rio, na zona norte, os solos eram mais férteis, proporcionando um crescimento da atividade agrícola - por exemplo, o trigo. Beneficiaram desta característica as zonas ribeirinhas afetas à região (Porto Brandão, Trafaria).

Várias são as referências que demonstram a ruralidade predominante nas zonas da “outra banda”¹³, em contraponto à grande capital.

Na revista *Anais de Almada 15-16*, encontra-se uma Caparica antiga, onde prevalecem as “*vivências sociais próprias do mundo rural*” (Flores, 2013, p. 216).

¹² “Cultura sequeiro é a cultura agrícola que cresce sem a necessidade de adição de água ao solo por meio de irrigação. Assim, essas culturas crescem com a água apenas da chuva” retirado de: <https://www.webartigos.com/artigos/cultura-de-sequeiro/26461>

¹³ No livro *Almada na História da Indústria Corticeira e do Movimento Operário* p.27, verifica-se este nome atribuído aos concelhos ribeirinhos na margem sul do Tejo.

No livro *OuTrafaria*, encontra-se a seguinte descrição:

“[...] a Caparica era conhecida como território onde fidalgos e nobres possuíam ricas quintas ocupadas com pomares, vinhas e terras de pão[...] Outras propriedades pertenciam a Ordens religiosas[...] Nestas quintas ou junto delas, moravam aqueles que aí trabalhavam [...] Era portanto um período de predominância da economia rural.” (Leal, 2014, p. 34).



*Figura 7. Família de Agricultores da Trafaria na Quinta do Bonaparte,
Fonte: Livro OuTrafaria (Leal 2014, p. 35)*

2.3.1 | Agricultura

Existem algumas dúvidas no que diz respeito à ordem cronológica de como surgiu a agricultura por essas zonas. Questiona-se se terá sido de forma independente, pelos locais/habitantes da Trafaria, ou se terá servido apenas como acréscimo à atividade piscatória, quando esta era menos frequente (Granadeiro, 2014).¹⁴

É falsa a ideia geral de que a Trafaria começou por ser uma vila de pescadores. Isto porque muito antes dos pescadores se estabelecerem por essas zonas, no ano de 1565, o Cardeal D. Henrique, devido às características do sítio, manda construir um “*local de quarentenas*” (Leal, 2014, p. 8). O desenvolvimento da agricultura dava-se mais para o interior da Caparica, com as quintas e os seus trabalhadores.

A população, ainda que reduzida, fixa-se perto do Lazareto, após a sua construção. A referência ao Lazareto vai ser recorrente, já que esta infraestrutura que, inicialmente, começou por ser um local para quarentenas, ao longo dos tempos, vai adquirindo várias funções paralelas.

“À medida que crescia a importância do impedimento, logo houve quem se estabelecesse na proximidade, iniciando-se a Trafaria como local de habitação e atividade social [...] esses primeiros moradores que em 1700 não deveriam exceder as quarentas pessoas [...]” (Leal, 2014, p. 9).

¹⁴ Após várias leituras sobre o tema em questão (se a Trafaria foi ou não, inicialmente, povoada por pescadores ou se já havia uma economia, ainda que muito rudimentar, que assentava na agricultura), será tomada como certa a ideia de que esta foi iniciada por agricultores.



Figura 8. Lagar de Vara para prensagem do mostro, século XX. Museu Etnográfico da Madeira
Fonte: <https://museus.madeira.gov.pt/DetalhesObra/Index/1553?tipo=OBJ>

Exemplo de um lagar de vara utilizado para a atividade agrícola na zona da Caparica.

Processo de Transformação

Por esta altura, o vinho e os cereais eram os motores económicos da região, sendo indispensável haver estruturas para realizar o processo de transformação. Assim, no que diz respeito ao processamento das uvas, existiam os lagares¹⁵ e, para a moagem dos cereais, havia os moinhos (Flores, 2009, p. 142).

a. Vinhas

As vinhas produzidas na região obtiveram muita popularidade. Como se lê em *Anais de Almada, 11-12* “No século XVI, os vinhos da “outra banda” chegaram a ser considerados como os melhores do reino [...] foram mais tarde suplantados pela concorrência do vinho do Porto” (Flores, 2009, p. 141). Os lagares identificados na região são o de tipologia lagar de vara.

O moinho de maré de Corroios foi construído em 1403, para aproveitamento da energia das marés. Atualmente é o núcleo do Ecomuseu Municipal do Seixal.

¹⁵ “Lagar: É um tanque, normalmente construído em pedra, com altura variável e uma saída de fundo, onde se esmagam os frutos para separar as partes sólidas da parte líquida. Pode ter forma quadrangular, retangular ou, mais raramente, circular. É habitualmente feito de granito, mas pode ser feito com qualquer outra rocha (mármore, xisto...)” retirado de <https://grandesescolhas.com/abc-do-vinho-lagar/>

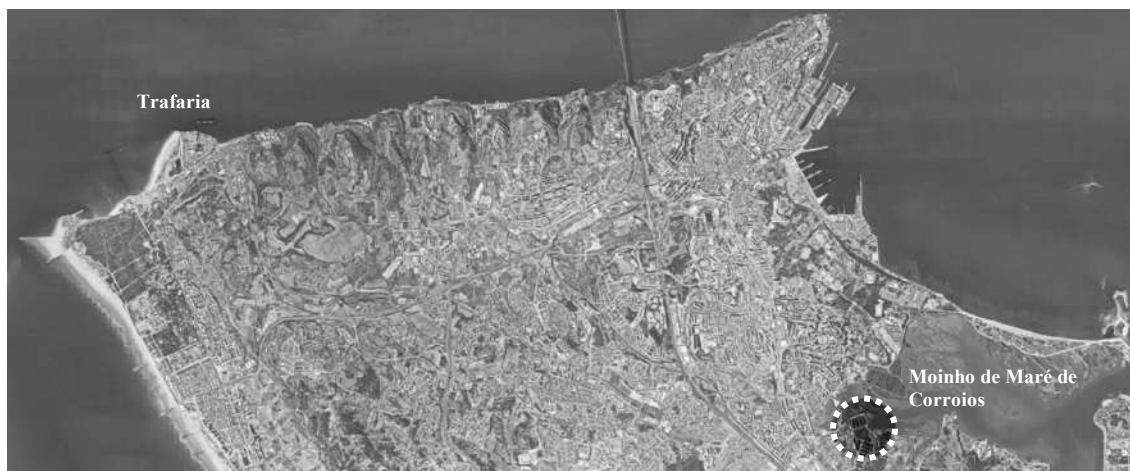


Figura 9. Localização do Moinho de Maré - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Figura 10. Moinho de Maré de Corroios (1403) - 2019,
Fonte: <http://www.cm-seixal.pt/ecomuseu-municipal/moinho-de-mare-de-corroios>

b. Cereais

Relativamente às estruturas que estavam implícitas no processo de transformação dos cereais, já têm um peso na forma como estão colocadas e como condicionam toda a paisagem natural. Sabe-se que existem, para esses sistemas de moagem, dois tipos de estruturas - os moinhos de maré e os moinhos de vento.

“Os moinhos de maré funcionam tirando partido da força da água, que se desloca por gravidade, criada a partir do desnível da maré [...] Devem a sua implantação na paisagem à existência de esteiros do rio, onde a maré se faça sentir. São edifícios de planta longitudinal, de grande dimensão [...] Os moinhos de vento ocupam locais elevados ou zonas expostas aos ventos dominantes, cuja energia é captada por velas dispostas em torno de um eixo, que a transmite ao engenho. São edifícios de planta circular [...]” (Flores, 2009, p. 143).

Os moinhos de vento possuíam um papel secundário em relação aos de maré, no que diz respeito à produção moageira da margem sul do Tejo, pois produziam menos e implicavam maior dificuldade de transportar devido ao local onde estavam implementados. No atual concelho de Almada, não existe nenhum moinho de maré. Contudo, existe uma referência de um antigo moinho de maré que se localizava na Mutela (figs. 9 e 10) (Flores, 2009, p. 143). De acordo com a *Revista Anais de Almada, 11-12, (2009)* encontra-se a descrição das tipologias dos moinhos e a inventariação dos mesmos em todo o concelho de Almada. Na Trafaria, existe uma referência a três zonas onde existiam moinhos, todos eles de vento, na Pera de Baixo, nos Buxos e no areal da Trafaria. Os moinhos que se localizam nos dois primeiros locais ainda subsistem. Já os que se situavam no areal não existem, sabendo-se da sua existência através de postais ilustrados. Os três moinhos que vão ser descritos enquadram-se na tipologia do moinho de Sesimbra, definido no livro *Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistemas de Moagem*.

Para tal, foi recolhido um exemplo de um moinho de vento, em Alcobaça, de forma a entender o seu funcionamento, que é igual aos que se encontram presentes na Trafaria. Não foi possível aceder aos moinhos da Trafaria, já que um está transformado em habitação, o outro está degradado e os do areal já não existem.



*Figura 11. Moinho de Vento em Alcobaça,
Fonte: Livro Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistema de Moagem
(Galhano; Oliveira & Pereira 1983, p. 274*

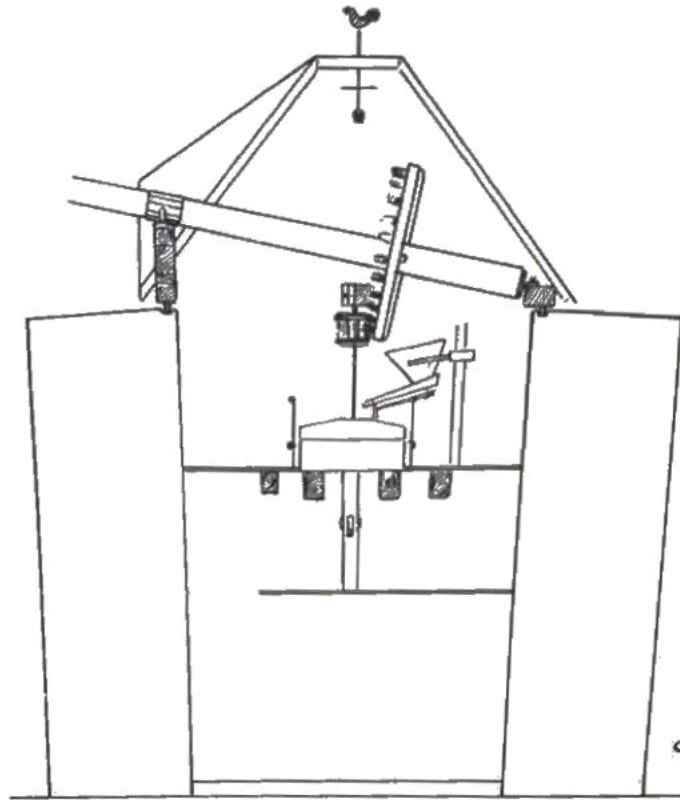


Figura 12. Corte Tipo,
Fonte: Livro Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistema de Moagem (Galhano;
Oliveira & Pereira 1983, p. 270

“São estruturas de planta circular e de paredes em alvenaria, que têm como principal característica a forma de orientação do velame à direção do vento, feita através do movimento da cobertura (tecto ou capelo) que gira, movida a partir do interior do moinho, através de um sistema de sarilho. Quatro velas triangulares, de lona, eram montadas nas oito varas, encaixadas no mastro.” (Flores, 2009, p. 144).



Figura 13. Planta do Terreno desde Cacilhas até à Costa – 1813,
Autor: Manoel Joaquim Brandão de Souza

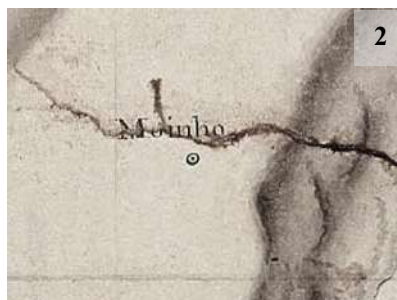


Figura 14. Moinho da Pera (1) transformado em habitação - 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 15. Moinho dos Buxos (2) degradado - 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Figura 16. Moinhos do Areal da Trafaria (3) - 1909,
Autor: ed. Manuel Henriques

Estas duas “*culturas agrícolas de rendimento*”(Flores, 2009, p. 141), com maior destaque para a primeira (vinhas), adquiriram tal importância até meados do século XIX, que posteriormente, ocorreram dois acontecimentos que marcaram para sempre o papel que a agricultura representa até aos dias de hoje.

Em primeiro lugar, estas culturas agrícolas foram vítimas das “*pragas do oidium e filoxera*” (Flores, 2009, p. 142) que provocaram a destruição dos terrenos.

Em segundo lugar, a partir do fim do século XIX, já se verificava a implementação dos primeiros equipamentos industriais, o que provocou “[...]alterações no tecido social e produtivo, com consequente perda de importância da atividade agrícola[...]” (Flores, 2009, p. 142).

Apesar destes eventos, a economia rural não desapareceu, e ainda subsiste, apesar de não ter a mesma importância, a agricultura ainda fornece os habitantes locais. (Leal, 2014, p. 37).



*Figura 17. Vendedores de peixe na Trafaria - 1921,
Fotografia: João Penha Lopes*

2.3.2 | Pesca e Equipamentos Industriais

Sabe-se que, nos finais do século XVII, a pesca, em toda a Caparica, ainda não se encontrava desenvolvida. Eram muito poucos os pescadores e, menos ainda, os donos de embarcações próprias. Entende-se, assim, que, por esta altura, a grande maioria habitava nas zonas mais altas e interiores (Murfacém, Sobreda e Funchal) em vez de nas áreas ribeirinhas como Banática, Porto Brandão e Trafaria (Leal, 2014, p. 59).

“Ao lado das tripulações dos navios, gente que não permanecia por muito tempo, as poucas pessoas que viviam na Trafaria formavam um núcleo habitacional com atividade económica ligada sobretudo ao Lazareto: serviços de transporte fluvial e fornecimento de comestíveis. A pesca praticada pelos pioneiros da Trafaria seria para auto consumo possibilitando algum rendimento eventual na venda de peixe ao pessoal do Lazareto” (Leal, 2014, p. 59).

No entanto, não demorou muito tempo até começar a haver um crescimento populacional nestas áreas ribeirinhas, o que aconteceu por volta de 1730. Isto porque a área em questão atraiu várias pessoas vindas de fora, especialmente Ílhavo, devido às características naturais que apresentava - nomeadamente, a proximidade ao mar, o extenso areal que fazia a ligação desde o Bugio até Espichel e, para completar, a abundância de sardinha na zona.

Os trafarienses, que anteriormente não tinham dado conta das potencialidades do próprio lugar onde viviam, começaram também a formar-se na arte de pesca e rapidamente obtiveram o estatuto de *“mestres nas artes de pesca”* (Leal, 2014, p. 60).



*Figura 18. Transporte de sardinha na Trafaria – início século XX,
Fotografia: Joshua Benoliel*

Tipos de Barcos

O envolvimento na pesca e com os seus companheiros era de tal forma forte que os pescadores se juntavam em Confrarias e Irmandades, guardando uma parte dos lucros obtidos para qualquer situação que necessitasse de ajuda monetária. A pesca ganhou uma nova dimensão, passando a ter um peso significativo na atividade económica da Trafaria (Leal, 2014, p. 61). O crescimento foi de tal forma que, em 1864, se verifica que a “*Trafaria era então conhecida como terra de pesca e pescadores*” (Leal, 2014, p. 68).

Com esta nova reputação de ser a costa do pescado, não eram apenas pessoas de Ílhavo que vinham para estas zonas, verificando-se também a chegada de gente do Algarve. Contudo, apresentavam “*práticas e modos de pensar diferentes*”, colidindo assim uns com os outros (Leal, 2014, p. 62). As próprias embarcações de cada comunidade eram diferentes.

Sabe-se que os indivíduos originários de ílhavo utilizavam os Saveiros, ao passo que os algarvios utilizavam os Caíques (Leal, 2014, p. 63). Enquanto os primeiros se sediavam mais na zona da Costa, os algarvios estabeleciam-se com maior frequência na zona do Funchal e da Trafaria (Leal, 2014, p. 11).

a. Saveiros

“[...] eram embarcações de fundo raso com as extremidades, proa e popa, muito elevadas em forma de curva, próprios para vencer a rebentação, movidos a remos por tripulações que poderiam chegar aos quinze homens, era a campanha comandada por uma mestre” (Leal, 2014, p. 62).

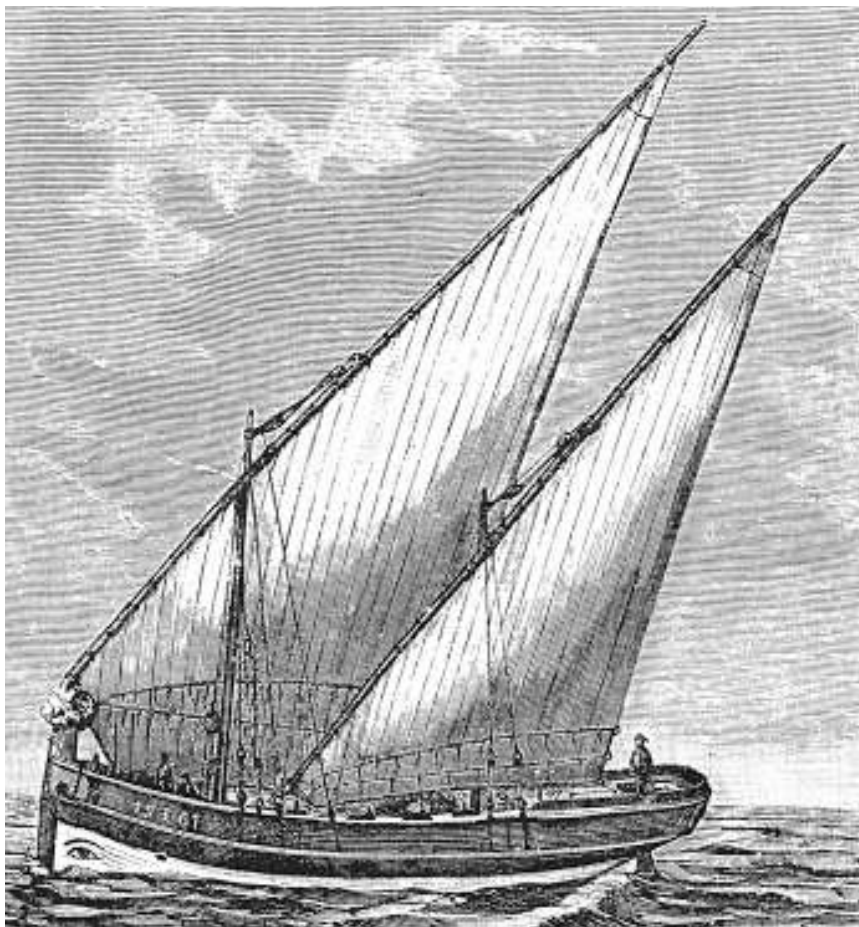


Figura 19. Saveiro – 1962,

Fonte: <https://www.delcampe.net/fr/collections/cartes-postales/portugal/lisboa/portugal-costa-da-caparica-pescadores-1962-667559695.html>

b. Caiques

“[...] embarcações de maior porte que os saveiros, com dois mastros, que equipavam com treze ou catorze homens, podendo praticar a pesca em locais mais afastados que os da Costa [...] pescavam no Tejo e mesmo fora da barra até ao largo de Cascais” (Leal, 2014, p. 63).



*Figura 20. Caique – 1891,
Autor: Artur Baldaque da Silva*

Apesar da Costa e da Trafaria estarem ligadas pelo desenvolvimento piscatório, a forma de pescar era diferente nos dois sítios (Leal, 2014, p. 61). Esta informação advém do inquérito realizado por Baldaque Silva (1885), que tinha como objetivo fazer o “[...] levantamento sistemático da situação das pescas em todo o país” (Leal, 2014, p. 68).

As “*artes de pesca*” usadas na zona da Costa eram a arte xávega e o chinchorro (para estes tipos usavam o Saveiro), enquanto na Trafaria eram utilizadas a tarrafa e o aparelho de anzol (Leal, 2014, p. 68).

Artes de Pesca

a. Arte Xávega

“arte de arrastar para terra com saco, com uma equipa de entre dezasseis a vinte e quatro companheiros” (Leal, 2014, p. 69).

b. Chinchorro

“rede como a anterior mas mais pequena, lançada com oito ou dez homens em sítios menos profundos” (Leal, 2014, p. 69).

c. Tarrafa

“rede composta de saco e mangas, estas com trinta a quarenta metros de comprimento, ligando a meio com um rectângulo de rede, do centro do qual se abre o saco. São necessárias duas embarcações colhendo o saco numa delas, indo a outra com um dos extremos, navegando em semicírculo, à medida que o barco porta-rede a vai deitando ao mar, de modo que a tarrafa fica mergulhada formando cerco em volta do cardume. Depois as duas embarcações recolhem as mangas até chegarem ao saco, onde vem a pescaria” (Leal, 2014, p. 69).

Indústria de Transformação do Pescado

Sabe-se que, na segunda metade do século XIX, se verificou a “[...] época de maior peso da pesca na economia da Trafaria, não tanto em virtude do desenvolvimento da atividade, mas fundamentalmente por ausência das outras [...]” (Leal, 2014, p. 67).

Começavam-se, assim, a dar os primeiros passos no que diz respeito à indústria de transformação do pescado (Leal, 2014, p. 67). Na viragem do século, a atividade piscatória adquiriu uma “[...] nova dimensão industrial com as fábricas de conserva de peixe” (Leal, 2014, p. 69). No entanto, de todas as atividades exercidas nesta terra, a pesca, ainda que numa dimensão menor, perdura até à atualidade.

Apesar de, só a partir do século XVIII, haver um maior crescimento desta atividade, anteriormente, já se verificava a utilização de vários equipamentos para o processo de transformação. Nota-se a produção de vinho através das uvas (lagares), e de pão através dos cereais (moinhos), embora todas estas estruturas se encontrassem em pequena escala. Com o desenvolvimento das técnicas e a mecanização crescente da produção, aquilo que era produzido em baixa escala e que se baseava nos vínculos entre camponês e senhor feudal, passou para uma nova dimensão.

“É o início do reino da máquina e da mecanização [...] As cidades rapidamente se transformaram em grandes centros populacionais [...] uma nova classe social: os operários [...] a fábrica institui um novo modo de trabalhar” (Abreu & Branco, 1984, p. 18).



Figura 21. Localização da Fábrica de Moagem do Caramujo - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

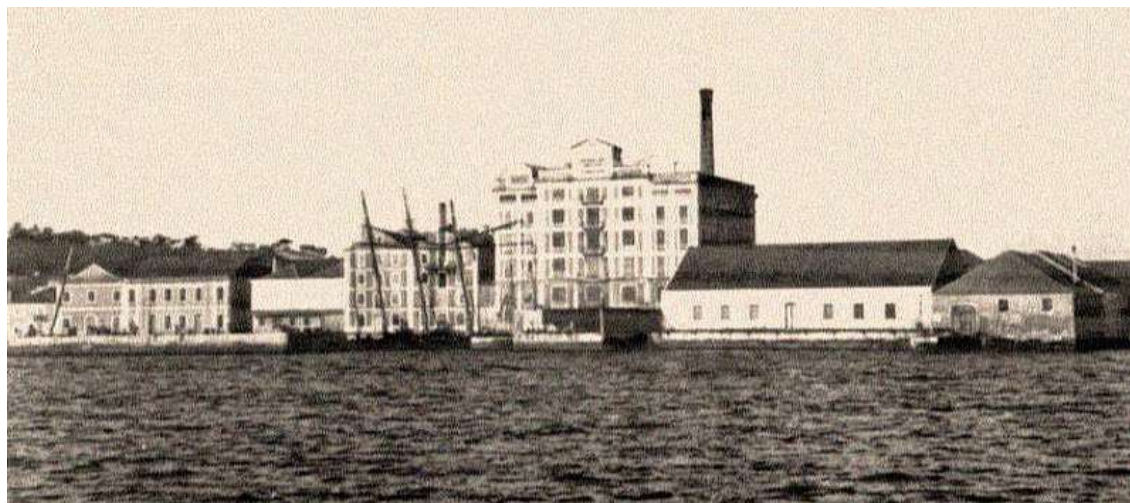


Figura 22. Fábrica de Moagem do Caramujo (1872) – 1900,
Autor: Alexandre Flores

A implementação de fábricas propriamente ditas já existia no concelho de Almada. No entanto, não se verificava, ainda, qualquer atividade fabril na zona da Trafaria. As primeiras fábricas a assinalar encontravam-se na Cova da Piedade, salientando-se a Fábrica de Moagem do Caramujo que, atualmente, está classificada como imóvel de interesse público¹⁶. Apesar de não se situar na área de estudo, é importante fazer referência a um complexo de edifícios que marcou a industrialização na margem sul (figs.21 e 22).

Porém, com o crescimento populacional e com o desenvolvimento da atividade piscatória, sendo, por essa altura, a principal atividade económica, possibilitando-se a evolução relativamente ao progresso da indústria na zona da Trafaria.

“O pescado como matéria-prima foi factor primordial nos episódios de industrialização na Trafaria durante o século XIX” (Leal, 2014, p. 123).

Confirma-se, na cronologia abaixo, a quantidade de fábricas que se sediaram na zona da Trafaria. Uma vez que a grande maioria já não existe, as informações acerca das mesmas são muito reduzidas. Sendo assim, na maioria delas, não foi possível identificar a sua localização exata.

1819 | Fábrica de Azeite de Sardinha – Joaquim da Silva (localização desconhecida)

1827 | Fábrica da Cordoaria (localização desconhecida)

1835 | Companhia de Pescarias Lisbonense (instalou uma seca de bacalhau no antigo Lazareto) **(1)**

1858 | Fábrica de Guano de Peixe – A Companhia de Guano Chimico de Peixe (também no antigo Lazareto, após a desativação da seca de bacalhau) **(2)**

¹⁶ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73600/>

1874 | Fábrica de *Dynamite* da Trafaria (3)

1887 | Fábrica de Conservas de Peixe (a primeira) (4)

1914 | Fábrica 23 de Fevereiro da Firma Mariano Martins & C^a – Conservas alimentícias (5)

1939 | Fábrica de Eduardo José Abecassis – Conservas alimentícias (localização desconhecida)

1940 | Conservas Praia do Sol, Lda (localização desconhecida)

De todas estas fábricas, importa destacar que poucas foram as que tiveram sucesso, salientando-se apenas a Fábrica 23 de Fevereiro da Firma Mariano Martins & C^a e a Fábrica de *Dynamite*, que também viram as suas portas fechar.

“Entre essas fábricas a de Mariano Martins & C^a possuía frota pesqueira própria e estava instalada num edifício junto ao Presídio, mais tarde a garagem da Empresa de Camionagem Piedense [...] nos anos sessenta já nenhuma funcionava” (Leal, 2014, p. 125).

*“A mais significativa unidade industrial situada na Trafaria e cuja memória mais perdurou no tempo, foi a Fábrica de *Dynamite* na Trafaria [...] os sistemas de segurança não seriam preocupação prioritária, pelo que com maior ou menor gravidade as explosões eram frequentes”*(Leal, 2014, p. 126).

Apesar de ter tido uma evolução rápida, a indústria não foi algo que perdurou por esta zona. Várias são as causas que Leal atribui a esta situação, como a falta de planeamento, avaliação, gestão e, a mais grave, a falta de mão de obra (Leal, 2014, p. 127).



Figura 23. Localização das Fábricas - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Figura 24. Antiga chaminé da Fábrica de Dynamite (3),
sendo hoje a Escola B2+3 da Trafaria - 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 25. Localização da Fábrica 23 de
Fevereiro da Firma Mariano Martins (5) - 1918,
Fonte: <https://canthecan.net/company/mariano-martins-ca--trafaria/>

A Fábrica de *Dynamite* (3) e a Fábrica 23 de Fevereiro da Firma Mariano Martins (5) foram as que mais importância tiveram. Atualmente, já nenhuma existe.



Figura 26. Soldados do Regimento de Artilharia – 1933,

Fonte: https://www.delcampe.net/en_US/collectibles/postcards/portugal/setubal/trafaria-real-photo-soldados-do-regimento-de-artilharia-almada-284068039.html

2.3.3 | Construções Militares e de Segurança

Todas as construções de carácter militar “[...] destinaram-se exclusivamente à defesa marítima de Lisboa” e “tinham como objetivo essencial retardar ou cortar o acesso ao Tejo”. Por este motivo, não é de estranhar que todas as fortificações se situem na faixa ribeirinha, desde Cacilhas até à Trafaria (Sousa, 1981, p. 9).

Segundo o livro *Fortalezas de Almada e seu Termo*, identificam-se as seguintes épocas de construção destas estruturas:

- 1ª época | domínio árabe até séc. XIV
Construção do Castelo Árabe de Almada
- 2ª época | séculos XV e XVI
Bateria ordenada por D. João
Construção da Torre Velha
Forte da Banática
Torre da Cabeça Seca (Bugio)
- 3ª época | séculos XVII e XVIII (Guerras da Restauração)
Forte da Trafaria
Fonte da Pipa
- 4ª época | 1ª metade do século XIX (Guerras Peninsulares)
Melhoramentos na defesa do litoral (pelos franceses e depois pelos ingleses)
Linha fortificada Paliarte-Margueira
- 5ª época | fins do século XIX e início do século XX
Construção das baterias costeiras viradas para o mar



Figura 27. Localização dos limites do Lazareto - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Figura 28. Vista aérea do Lazareto/Forte/Presídio – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Imagem retirada do bing.com/maps

Como referido anteriormente, sob o ponto de vista militar, a Trafaria desempenhou um papel de extrema importância devido à sua localização geográfica. Uma vez que se situava junto à foz do rio, servia de vigilância do canal de navegação do Tejo (Leal, 2014, p. 76).

Forte e Presídio (Lazareto)

Torna-se essencial, agora, fazer referência ao Lazareto, já que este edifício foi dotado de várias valências, tais como: sanitária, aduaneira, fiscal, religiosa e militar. Tudo isto funcionou no mesmo edifício conforme *“as circunstâncias de contexto”* assim o requeriam (Leal, 2014, p. 87).

A construção do Lazareto criou novas atividades na envolvente.

Com isto, independentemente da natureza da carga, quer se tratasse de pessoas ou produtos, tudo aquilo que fosse considerado suscetível de conter alguma doença era reencaminhado para este lugar - *“[...] estabelecimento afecto aos serviços aduaneiros da Alfândega do Porto de Lisboa, de desinfecção de mercadorias, oriundas dos países de que se suspeitava ou estavam com focos de infecção de febre amarela ou, mesmo, de outras epidemias.”* (Raposo, 1999, p. 9).

Apesar de funcionar como local para a cura de epidemias, confirmou-se entre a população lá residente, a necessidade de *“assistência religiosa [...] para conforto espiritual dos quarentenários [...]”*(Leal, 2014, p. 86). Por isso, em 1678, construiu-se uma Ermida (N^a Sr^a da Saúde) dentro dos limites do Lazareto.

Já em 1683, por necessidade estratégica militar, a mando de D. Pedro II, foi construído um forte junto ao Lazareto (fig.28). Uma vez que este se encontrava delimitado por muros, não tardou que, a partir de 1751, começasse a servir de presídio para alojar condenados que esperavam para serem deportados (Leal, 2014, p. 88).

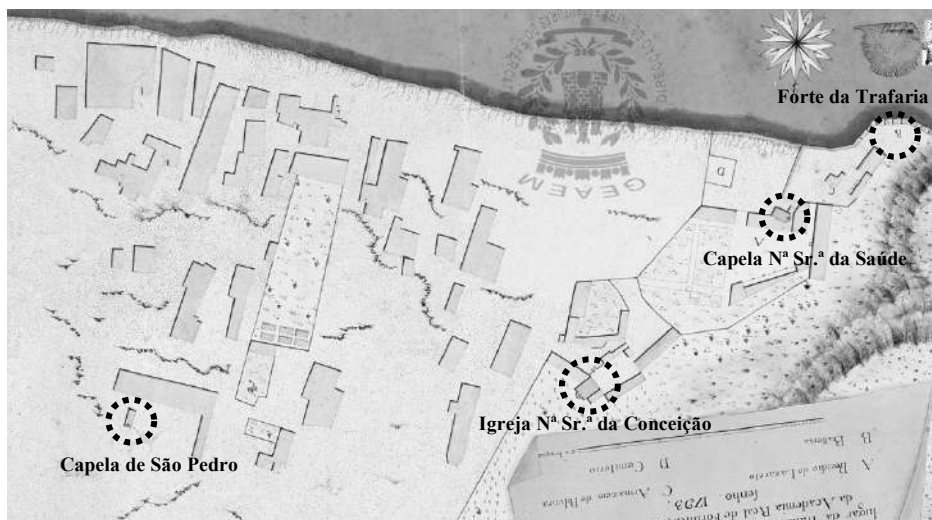


Figura 29. Localização de Igrejas, Capela e Forte – 1793,
Autores: Discípulos da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho

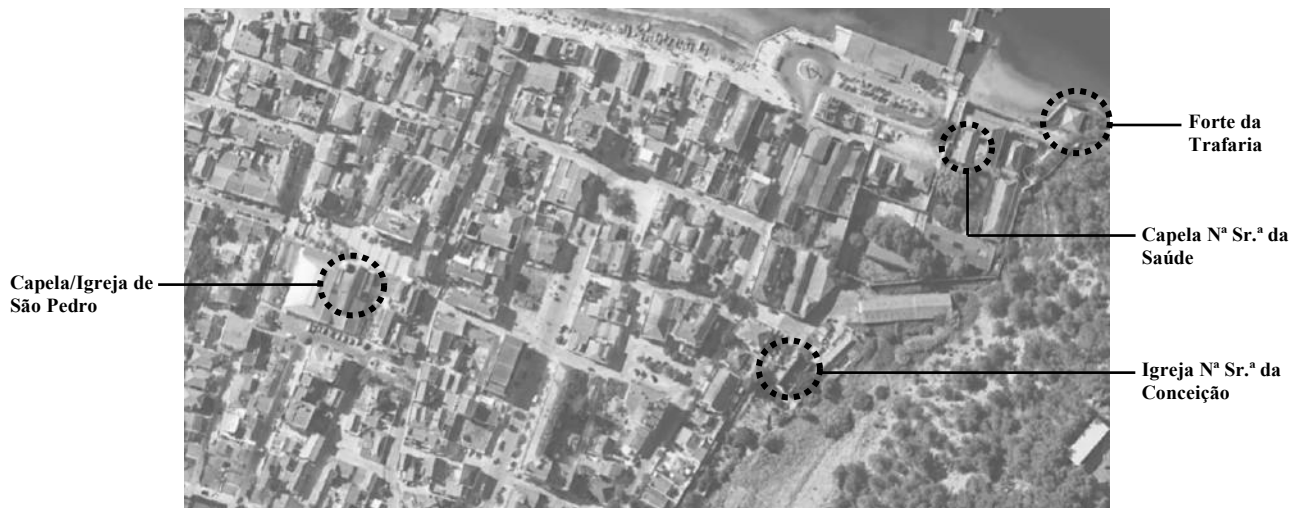


Figura 30. Localização de Igrejas, Capela e Forte – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Contudo, observa-se que “[...] face à necessidade logística para receber as levas de presos que iam chegando para deportação, para garantir os serviços de quarentena e para assegurar a guarnição militar, as instalações revelavam-se desadequadas [...]” (Leal, 2014, p. 89). Procedeu-se assim à transferência do Lazareto para a Torre de S. Sebastião/Torre Velha, em 1816, o que causou a desativação de todo o complexo.

A partir daí, este edifício passou por vários períodos de sucessivas ativações, abandono e reativações.

Em 1830, durante as guerras civis que assolavam o país, através do Real Corpo de Engenheiros, ocorre a recuperação do Presídio que não tardou a estar novamente cheio de presos. Porém, as instalações continuavam a ser muito precárias para a quantidade de pessoas que lá estava (Leal, 2014, p. 92). Com o fim do período miguelista, o forte, presídio e ermida voltaram novamente a ficar ao abandono.

Após isto, várias foram as tentativas, por parte da população, para ocupar este espaço, tentando adaptar este complexo a funções nunca antes tidas:

1835 - 1857 | Companhia de Pescarias Lisbonense instalou uma unidade de seca de bacalhau, conhecido como o “*estendal da Trafaria*” (Leal, 2014, p. 99)

1858 | A Companhia de Guano Chimico de Peixe, a qual não se sabe até quando esteve em serviço. No entanto, é sabido que encerrou por questões de saúde pública (Leal, 2014, p. 99)

1882 | Funcionou como uma sala de espetáculos

1889 - 1908 | Armazém para recolha das galeotas reais

“O Presídio da Trafaria tinha passado de lugar de degradados, para lugar degradado [...]” (Leal, 2014, p. 100).

1901 | Marinha apresenta projeto para a recuperação do Presídio em Presídio Militar Naval/Casa de Reclusão

1909 | Começo das obras para recuperação do Presídio baseando-se no *“aproveitamento possível das construções existentes, da ala prisional e do edifício contíguo, assim como do muro de ronda [...] as construções mais antigas dado o adiantado estado de ruína, não seriam recuperáveis”*(Leal, 2014, p. 100)

Para chegar à forma que apresenta nos dias de hoje, deu-se a construção de novos edifícios e a reconstrução da Ermida, bem como a mudança de posição (antes era este/oeste passando para norte/sul)

1910 | Com a implantação da República, o Presídio passa a recolher todo o tipo de presos (delito comum ou político), sendo que o mesmo continua a acontecer durante o Estado Novo

“para nela serem recebidos os presos judiciais que houver necessidade de para ali transferir”(Leal, 2014, p. 101).

1981 | O Presídio foi novamente desativado e comprado pela Câmara Municipal de Almada, em 2000

“Atualmente permanece sem qualquer função [...]” (Leal, 2014, p. 102)



Figura 31. Foto aérea do Lazareto/Forte/Presídio – 2016,
Fonte: Ortofotomapa retirado de <https://www.passear.com/2016/10/presidio-da-trafaria-acolhe-tres-exposicoes/>



Figura 32. Planta do Terreno desde Cacilhas até à Costa, com identificação da linha fortificada dos redutos – 1813,
 Autor: Manoel Joaquim Brandão de Souza



Figura 33. Localização do reduto ainda existente na Trafaria – Reduto Raposeira Pequeno, nº13 – 2019,
 [Escala n.d.]
 Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Linha de Defesa do Sul ao Longo dos Séculos

Como é sabido, devido à sua localização, a Trafaria era alvo de intervenção em quaisquer situações que implicassem tanto a defesa da capital através do Tejo, como ataques via terrestre, vindos do sul. Verifica-se a existência de várias construções, todas elas na Trafaria para “[...] formar um sistema eficaz de defesa [...]” (Leal, 2014, p. 76).

Os redutos foram construções que apareceram anteriormente às baterias, estando os primeiros mais destinados à proteção de ataques por via terrestre. Com a evolução das técnicas de armamento, mais tarde, apareceram as baterias¹⁷, estas sim, com alcance suficiente para proteger a capital de ataques marítimos.

Assim sendo, diversas foram as propostas, ao longo dos tempos, para manter Lisboa a salvo de possíveis ataques, tais como:

1683 | Construção do forte junto ao Lazareto, a mando de D. Pedro II

1762 | O Conde Lippe projeta um plano de implantação de uma linha de fortificações desde Almada até à Raposeira (não se concretizou)

1797 | Uma vez que a principal preocupação era com um eventual ataque através do rio, foi criada a Brigada Real da Marinha

1812 | Wellesley retoma a ideia de Lippe, criando assim a linha de redutos para defesa (fig.32)

¹⁷ As baterias aparecem no âmbito do Campo Entrincheirado de Lisboa, no qual o seu objetivo será explicado posteriormente.

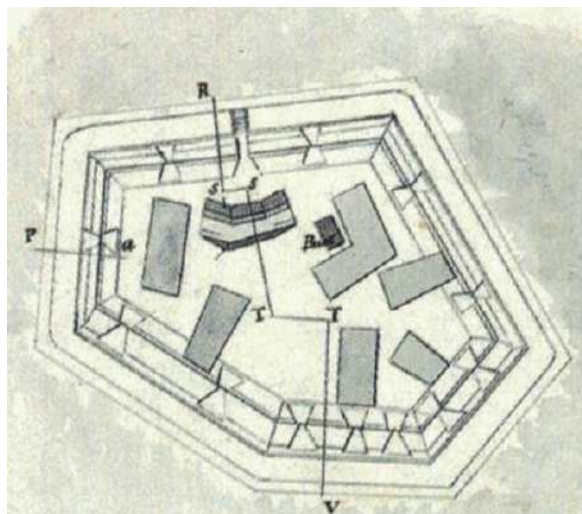


Figura 34. Planta Reduto Raposeira Pequeno n°13 – 1809,
 Fonte: Livro A Defesa de Lisboa (Lobo 2015)

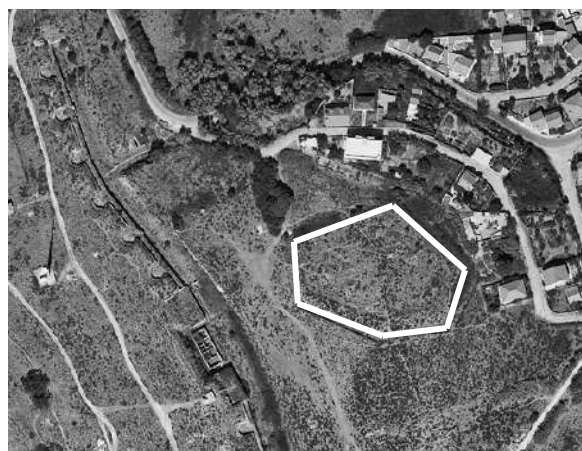


Figura 35. Localização do Reduto Raposeira Pequeno, n°13 – 2019,
 [Escala n.d.]
 Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



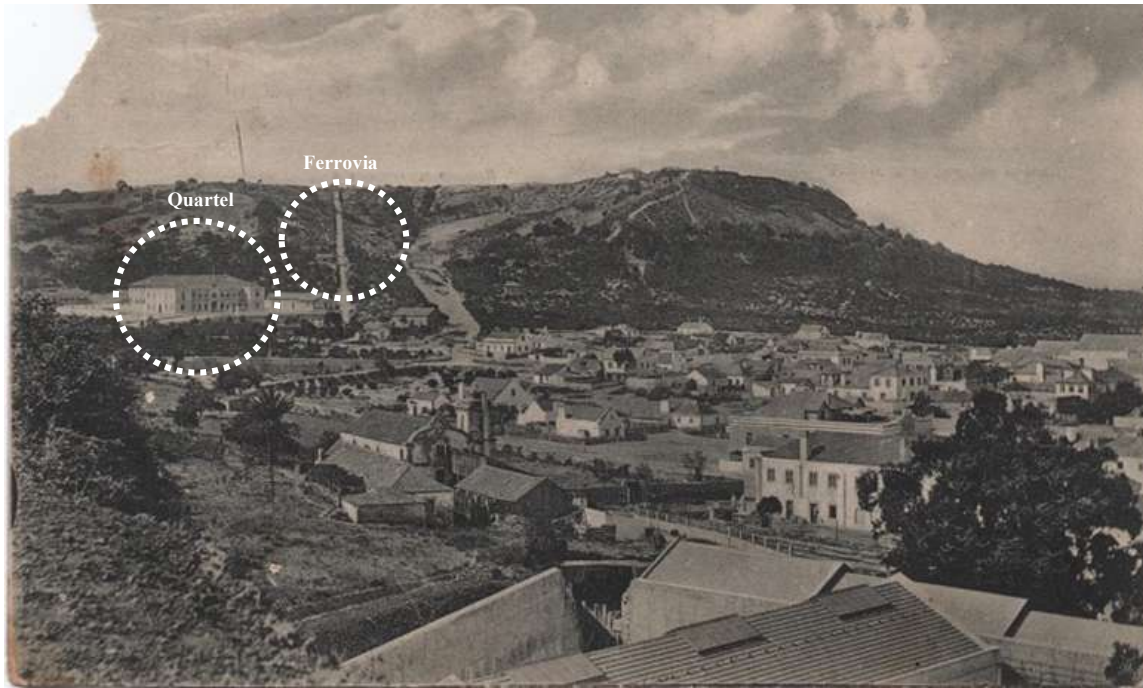
De todos estes acontecimentos, é importante salientar os períodos miguelista e da guerra civil (1828/34), pois caracterizaram-se por uma “[...] forte militarização de toda a zona envolvente à Trafaria” (Leal, 2014, p. 78) pelo receio que os absolutistas tinham de um ataque dos liberais através do Tejo. Apesar das atenções estarem concentradas na defesa que os absolutistas tinham feito aos liberais, eis que acontece o forçamento da barra do Tejo (pelos franceses, em 1831), que muda toda a trajetória das próximas construções militares que se sucederam na Trafaria.

“O forçamento da barra do Tejo pela esquadra francesa comandada por Roussin [...] em pleno período das lutas entre liberais e miguelistas, veio revelar que o Tejo estava longe de ser invulnerável [...] explica-se não só pela impreparação militar [...] como também pela desmoralização e indisciplina que reinavam [...] consequências das guerras civis que dividiam o país” (Sousa, 1981, p. 33).

Este fator foi determinante para as novas obras de fortificação, por parte dos absolutistas, que se implementaram mais tarde com a construção de novos fortes e melhoramentos nas construções existentes, por exemplo: o forte de Almada (Sousa, 1981, p. 35). No entanto, não foi o suficiente para vencer a guerra contra os liberais e, após o término desta, todas as construções ficaram, novamente, ao abandono.

Só em 1890, no âmbito do quadro do Campo Entrincheirado de Lisboa¹⁸, é que viria a ser novamente alvo de atenções com a projeção do maior complexo militar existente na Trafaria, com a construção das baterias de Alpena e Raposeira.

¹⁸ O Campo Entrincheirado de Lisboa (CEL) situava-se na Área Metropolitana de Lisboa. Construído no final do século XIX - início do XX, era um sistema de defesa tanto marítimo, como terrestre. O CEL formou o principal meio de defesa durante a primeira metade do século XX, e só foi desativado totalmente em 1999. Retirado de: http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=2086&muda_idioma=PT



*Figura 36. Vista geral da Trafaria com o Quartel e ferrovia assinalados – 1906-10,
Autor: ed. Manuel Henriques nº13*

Para a construção destas estruturas, e dado o sítio onde se localizavam (no topo da arriba), foi necessária a construção de outras infraestruturas que pudessem dar apoio, enquanto as baterias eram construídas. Para este efeito, a construção mais notável foi o Quartel do Grupo de Artilharia nº4 (1905), para guardar as guarnições das baterias (Leal, 2014, p. 81).

Além do Quartel, outras construções foram realizadas, como a estrada de acesso às baterias (estrada militar), uma linha férrea para o transporte das peças de artilharia, uma nova ponte cais para se fazer a chegada do armamento através da via fluvial à Trafaria e, ainda, um sistema de esgotos de toda a infraestrutura que desagua diretamente no rio, junto à praia (Leal, 2014, p. 82).

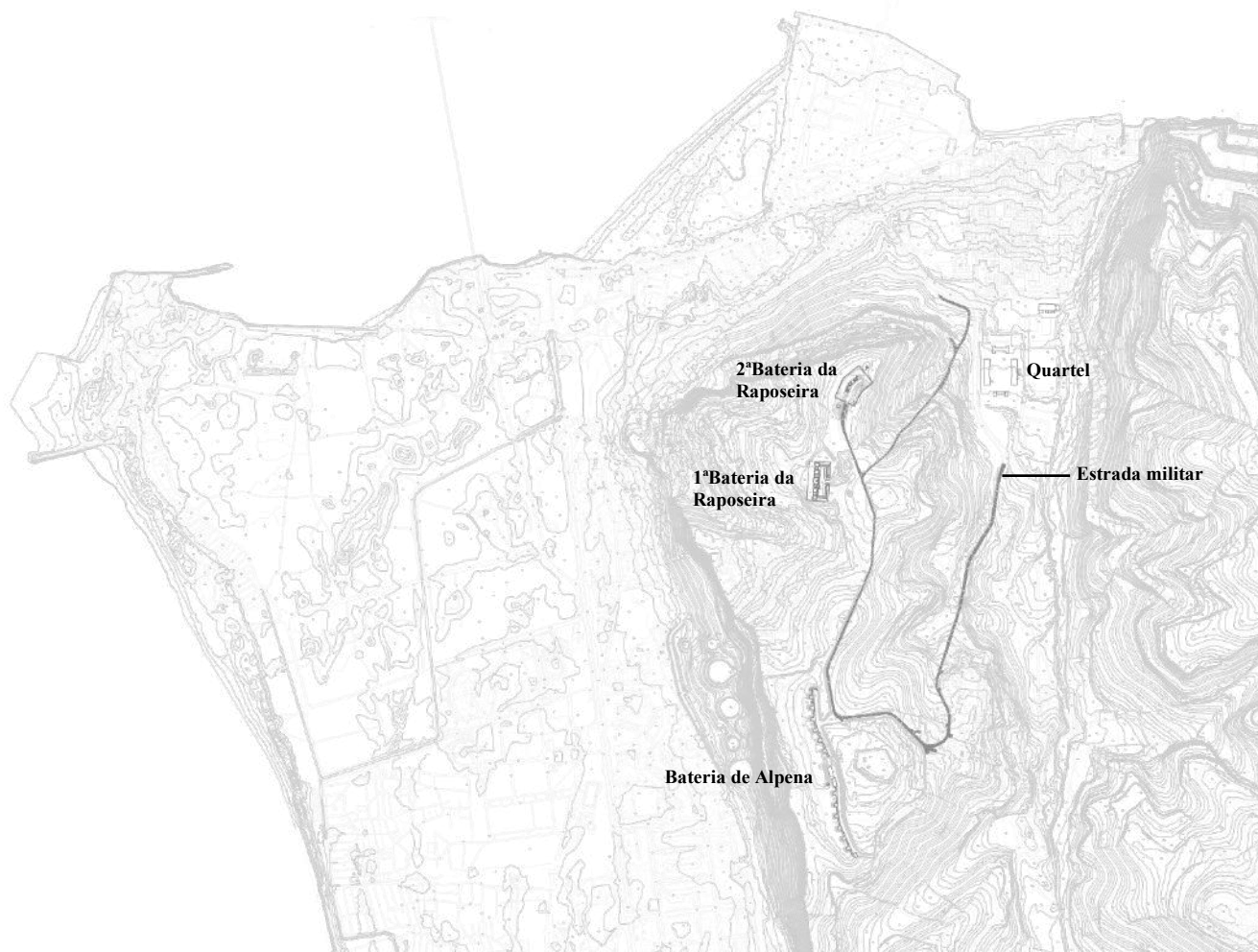


Figura 37. Identificação do complexo militar construído no âmbito do CEL - 1890,
[Escala n.d.]
Fonte: Reprodução em planta com base nas suas localizações



Bateria de Alpena (1893)



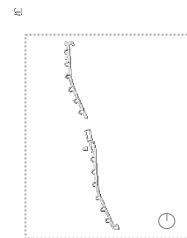
*Figura 38. Bateria de Alpena – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



*Figura 39. Bateria de Alpena – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



*Figura 40. Bateria de Alpena – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

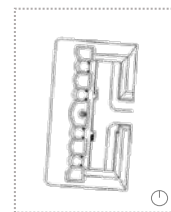


- a) Aproximação da bateria por Nordeste (NE), através da estrada militar.
- b) Fotografia tirada no rés do chão da bateria, com a sua estrutura bastante degradada. Certas zonas já não são possíveis de aceder, devido à vegetação.
- c) Observação do paiol apenas com paredes exteriores e divisões, já sem cobertura. Esta infraestrutura servia para armazenamento de explosivos e munições.

1ª Bateria da Raposeira (1893)



Figura 41. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros



a) Vista da bateria pela entrada Sul (S).



Figura 42. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

b) Vista do interior da bateria, já sem as paredes divisórias.



Figura 43. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

c) Vista do observatório, onde se tem o panorama sobre a entrada do Tejo e toda a costa.

2ª Bateria da Raposeira (1902)



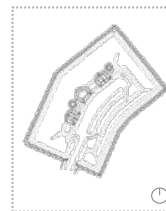
*Figura 44. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



*Figura 45. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



*Figura 46. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



a) Vista da bateria pela entrada Sul (S).

b) Vista da bateria pela zona Norte (N).

c) Ainda se encontram presentes os canhões utilizados para proteger a costa.

Quartel do Grupo de Artilharia nº4 (1905)



*Figura 47. Quartel do Grupo de Artilharia nº4 – 1979,
Autor: ed. João Quirino Rocha nº5*



*Figura 48. Quartel do Grupo de Artilharia nº4 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Ainda durante as guerras mundiais, este complexo recebeu reforços de armamento. No entanto, tudo isto acabou por ficar inativo e ao abandono (Leal, 2014, p. 83), servindo apenas, atualmente, de armazém para mercadorias apreendidas.



Figura 49. Alçado Norte (N) complexo 1 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 50. Alçado Este (E) complexo 2 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 51. Alçado Norte (N) complexo 3 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

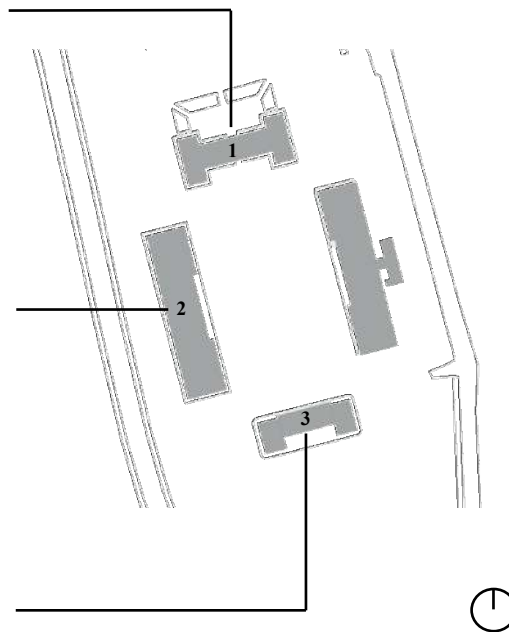




Figura 52. Procissão na Trafaria – 2015,

Fonte: https://www.scma.pt/noticias-2015/-/asset_publisher/bfXTCdcv7PcZ/blog/passagem-da-imagem-de-nossa-sra-de-fatima-pela-trafaria

2.3.4 | Património Religioso

Na *Revista Anais de Almada, 11-12, (2009)*, aparece a seguinte descrição acerca do papel da religião na sociedade:

“A religião estava presente em quase todos os aspectos da vida social, do nascimento à morte, do trabalho à propriedade, tudo estava interligado com a religião ou com as instituições religiosas. A religião determinava os comportamentos socialmente aceites e o direito canónico era tão importante como o direito civil” (Flores, 2009, p. 69).

As missas, procissões e outros atos de fé levariam as pessoas a “[...] *se redimirem dos seus pecados e adquirirem a tranquilidade de alma*” (Flores, 2009, p. 70). Sendo assim, foram construídas várias ermidas e igrejas nesta área, de forma a proceder-se à celebração das missas. Muitas destas infraestruturas tinham de obedecer a requisitos que só os mais abastados conseguiriam cumprir¹⁹. Como tal, estas situavam-se em quintas privadas, mas que eram, por ordem do proprietário, abertas às pessoas. Só mais tarde é que foram feitas em espaço público.

No livro *Outrafaria*, p.42, encontram-se listadas as diversas **Ermidas** construídas na região da Trafaria

- Finais do século XVI
 - N^a Sr.^a do Monte do Carmo | Murfacém
 - N^a Sr.^a da Conceição | Trafaria
 - N^a Sr.^a dos Remédios | Murfacém (atual Museu de Azulejaria e Etnografia Árabe)

¹⁹ Para a construção de uma ermida/capela era necessário obter uma licença prévia – direito canónico. Além disto, várias eram as despesas como pagar o capelão e fazer as necessárias manutenções (Flores, 2009, p. 78).

- Capela da N^a Sr.^a do Bom Sucesso | Quinta da Raposeira (extinta)
- Século XVII
 - Capela N^a Sr.^a da Saúde | Trafaria (construída dentro do Lazareto)
- Século XVIII
 - N^a Sr.^a dos Prazeres | Murfacém (Quinta dos Buxos)
 - Capela de S. Jerónimo | Trafaria (extinta)
 - N^a Sr.^a Madre de Deus | Murfacém (Quinta dos Buxos)
 - Capela de S. Pedro e mais tarde a Igreja | Trafaria

Apesar de se fazer o inventário de todas as ermidas existentes na região, importa salientar apenas as que se encontram no centro do núcleo histórico da Trafaria, sendo estas a da Nossa Senhora da Saúde (1678), a da Nossa Senhora da Conceição (1747) e a de São Pedro que anteriormente era capela, mas que a partir de 1856, passou a ser a Igreja Paroquial da freguesia.

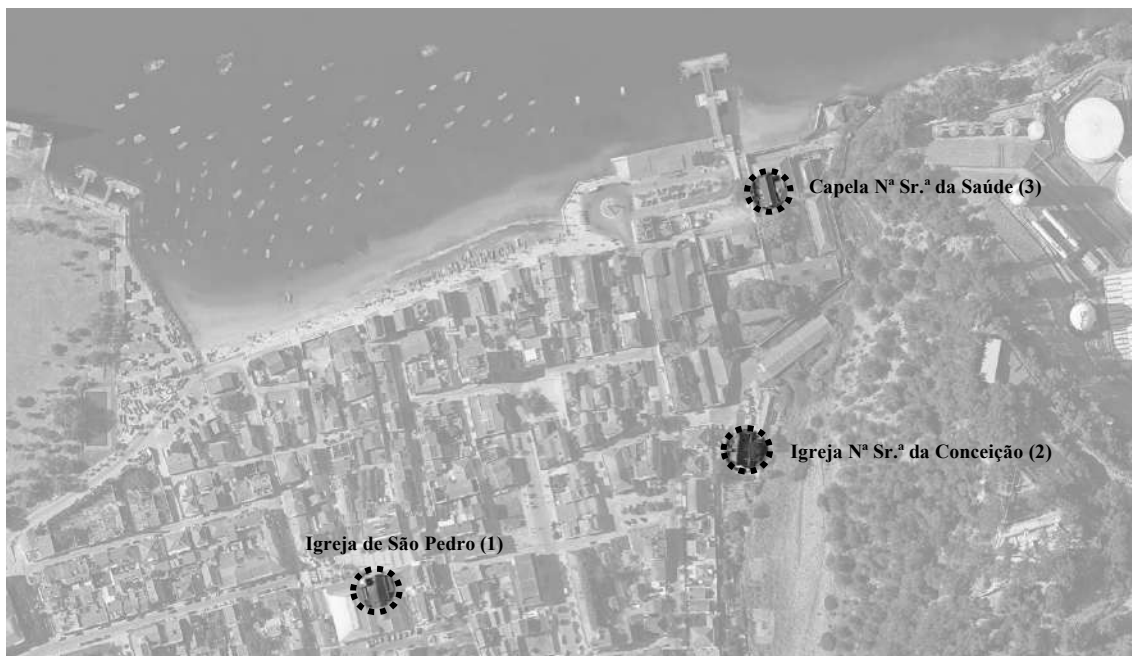


Figura 53. Localização das Igrejas e Capela - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Figura 54. Igreja de São Pedro (1) séc. XVIII
– 2019, Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 55. Igreja Nª Sr.ª da
Conceição (2) séc. XVI – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 56. Capela Nª Sr.ª da
Saúde (3) séc. XVII – 2019,
Fotografia: Margarida Bico



Figura 57. Localização das coletividades - 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Figura 58. Sociedade Recreativa Musical (1) (1900) – 2019, Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 59. Clube de Futebol da Trafaria (2) (1937) – 2019, Fotografia: Raquel Viveiros

2.3.5 | Património Cultural e Recreativo

Além das festas de carácter religioso, pouco mais havia para a educação e sítios de lazer para a sociedade, como se verifica no livro *O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada* - “Almada, no ponto de vista oficial, era uma vila completamente desprovida de meios para oferecer uma mais civilizada educação à sua infância, mal este que grassava por todo o concelho” (Abreu & Branco, 1984, p. 28).

Contudo, de forma a contornar este facto, a partir do século XX, começaram a surgir as primeiras sociedades recreativas, que visavam a “*instrução, o desporto, a beneficência, as festas e os convívios*”(Abreu & Branco, 1984, p. 28). O papel destas associações foi fundamental para o dia a dia da população.

1900 | Sociedade Recreativa Musical Trafariense (música)

1937 | Clube de Futebol da Trafaria (desporto)

1940 | Recreios Desportivos da Trafaria (teatro/cinema/convívio/desporto/cultura)

1963 | Grupo Recreativo e Cultural Flechas do Picagalo (desporto/cultura)

1963 | Sporting Clube da Corvina (jogos recreativos/desporto)

1970 | Casa do Benfica da Trafaria (convívio)

1973 | Sociedade Columbófila da Trafaria

1975 | Vianense Desporto e Cultura da Trafaria (desporto)

De todas estas associações que contribuíram positivamente para os indivíduos da zona da Trafaria, apenas foram analisadas as duas primeiras, uma vez que as restantes já se localizam fora do núcleo histórico da Trafaria, não servindo para objeto de estudo.



*Figura 60. Praia de banhos na Trafaria,
Autor: ed. Alberto Aguiar*

2.3.6 | Património Residencial e Vocação Turística

Para além da importância da Trafaria para a defesa de costa, destaca-se um novo período de valorização da Trafaria, como praia de veraneio. Esta prática que em outros países se iniciou no séc. XVIII, em Portugal só começou em meados do séc. XIX.

A Trafaria destacou-se, sob o pretexto das vantagens da água do mar, para cura de certas doenças. Em 1901, o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, criado pela rainha D. Amélia inaugurou na Trafaria a primeira colónia balnear, surgindo assim os “*banhos da Trafaria*”²⁰(Leal, 2014, p. 110).

A adesão à praia era cada vez maior, sendo que, em 1889, já se verificava a vinda de algumas figuras públicas à praia da Trafaria, como Bulhão de Pato, Ramalho Ortigão, entre outros. Este facto contribuiu para a valorização da Trafaria e dos banhos de praia.

“É a transformação da praia terapêutica em praia lúdica, em que o objetivo dos banhistas já não é a cura dos males de saúde, mas sim a fuga ao ritmo de vida citadino, a diversão e lazer, a exibição da sua distinção social, através de comportamentos e sinais exteriores (vestuário, barcos ou habitações)”(Leal, 2014, p. 113).

A influência da residência de certas pessoas de fora, na Trafaria, será analisada mais tarde, no capítulo V dedicado ao estudo tipológico dos chalés.

²⁰ As crianças doentes do bairro de Lisboa eram levadas até à praia da Trafaria para tomar banho de mar.



*Figura 61. Fila para as camionetas que levavam os passageiros para as praias da Costa – 1957,
Autor: ed. Passaporte*

A partir do momento que começaram a existir camionetas de ligação Trafaria - Costa da Caparica, as pessoas começaram, progressivamente, a deixar de frequentar a praia da Trafaria, para irem para as praias da Costa.

Apesar de toda a nova dinâmica social que se estava a viver, vários foram os fatores que contribuíram para a desvalorização da Trafaria como principal estância de veraneio, nomeadamente, os melhoramentos nas acessibilidades de ligação para a Costa, e ainda a degradação das praias devido à poluição do Tejo (Flores, 2009, p. 216).

“A Costa, antiga praia das pescarias, não passava despercebida da gente que frequentava a Trafaria. Contudo, para lá chegar havia um percurso pouco convidativo para vencer”(Leal, 2014, p. 116)

Tudo isto contribuiu para que a Trafaria ficasse *“[...] condenada a local de passagem, perdendo o estatuto de destino de férias para a sua vizinha [...]”*(Leal, 2014, p. 117).

III | PLANOS URBANÍSTICOS DO CONCELHO DE ALMADA

Neste capítulo, pretende-se analisar alguns dos planos mais importantes que foram projetados para a margem Sul. A grande maioria não chegou a ser posta em prática e os restantes foram executados parcialmente.

Apesar disto, é importante fazer referência a estes planos, uma vez que demonstra que, a dada altura, a margem Sul foi alvo de atenção e planeamento por parte das entidades responsáveis para o desenvolvimento urbano.

A partir do momento em que, especialmente na Caparica, começou a haver uma gradual fixação de pessoas e a preferência dos veraneantes pelas praias da Costa, ultrapassando a Trafaria²¹, não tardou que a Caparica fosse uma das *“áreas de veraneio mais importantes da Capital”* (Flores, 2009, p. 216).

Contudo, esta desenvolveu-se *“[...] ao acaso, sem planos [...] agravando os problemas de insalubridade, a falta de esgotos e arruamentos”* (Flores, 2009, p. 218), não tardando, assim, a surgirem iniciativas urbanísticas para reverter a situação.

Consegue-se verificar esta falta de ordenamento nas figuras 62 e 63, onde as construções estão dispostas sem qualquer tipo de traçado regulador.

Com tudo isto, o foco das intervenções urbanísticas ocorreu mais nesta área, com alguns planos a fazerem menção à zona da Trafaria, mas com menor grau de importância.

²¹ Verificava-se um gradual aumento de poluição no rio Tejo, degradando assim as praias da Trafaria - mais um dos motivos que levou a mudança de local de eleição para veraneio.



*Figura 62. Fotografia aérea da Costa da Caparica - 1930,
Fotografia: Manuel Barros Marques*



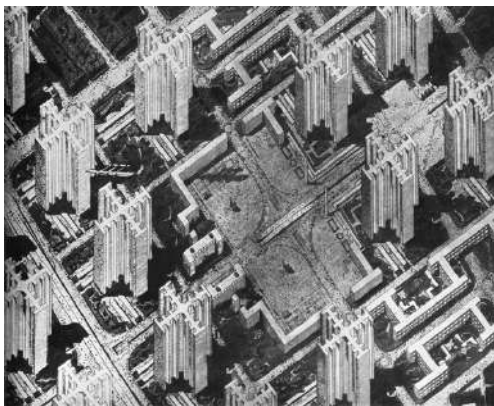
*Figura 63. Fotografia aérea da Costa da Caparica - 1930,
Fotografia: Manuel Barros Marques*



Figura 64. Plano de Urbanização da Costa - 1930,
Autor: arquiteto Cassiano Branco

3.1 | Utopia de Cassiano Branco | Plano de Urbanização da Costa da Caparica | 1930

Em 1930, Cassiano Branco, projeta o Plano de Urbanização da Costa da Caparica, mas nunca foi realizado. Contudo, não deixa de ser interessante analisar a proposta e os objetivos que se pretendiam para a área. Neste plano, confirma-se a ideia de um certo cosmopolitismo por parte do arquiteto, com uma forte influência dos princípios modernistas e em outros planos, como os de Le Corbusier ou de Tony Garnier.



*Figura 65. Plano Voisin - 1925, Paris,
Autor: arquiteto LeCorbusier*



*Figura 66. Cidade Industrial – Início Séc. XX,
Sudoeste de França,
Autor: arquiteto Tony Garnier*

O principal objetivo de Cassiano (fig.64) era criar uma luxuosa estância balnear, com as mais diversas atividades e infraestruturas de apoio, tendo como princípio fundamental a funcionalidade. Por isso, deu uma maior importância à estrutura viária e ao desenho urbano (Oliveira, 2015, p. 67).

Apesar das boas intenções da proposta, era utópico, pois Portugal, não disponibilizava de condições financeiras para um empreendimento luxuoso para tal local (Jornal da Associação Gandaia, 2015).

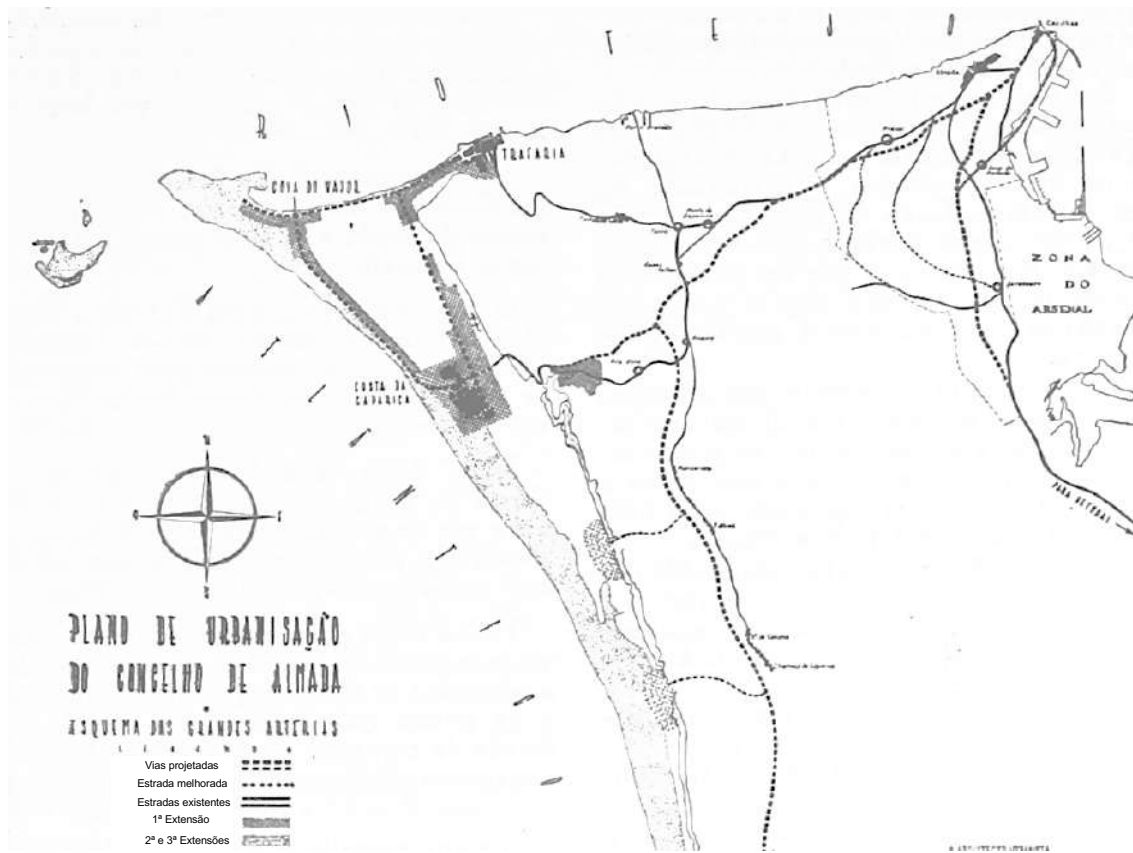


Figura 67. Plano de Urbanização do Concelho de Almada (PUCA) – Esquema das grandes artérias – 1946,

Autores: arquitetos Étienne de Gröer e Faria da Costa

3.2 | Plano de Urbanização do Concelho de Almada (PUCA) | arquiteto Étienne de Gröer | 1946

A partir da década de quarenta, deu-se uma transformação radical respeitante à política urbanística, tanto nacional como local.

Ainda durante o tempo de Duarte Pacheco como Ministro das Obras Públicas, nomeado por Salazar, apelou-se à elaboração de um Projeto Geral de Urbanização para o concelho (1942), mas, por falta de financiamento e também pela indefinição do Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa (PGUEL), o Plano de Urbanização (PU) demorou (Flores, 2009, p. 220). Para execução do plano, o arquiteto Faria da Costa foi a primeira escolha de Duarte Pacheco. No entanto, devido aos elevados honorários que pediu, fez com que o ministro recusasse a sua proposta.

Após a morte de Duarte Pacheco (1943) e a alteração da legislação dos Planos Gerais da Urbanização, só em 1946, sob um novo nome, é que o Plano de Urbanização do Concelho de Almada (PUCA) recuperaria novamente vida, mas desta vez, sendo nomeado o arquiteto Étienne de Gröer, através da Secção de Melhoramentos Urbanos da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)²².

De forma geral, este plano definiu os pressupostos gerais para o planeamento e ordenamento do concelho, sendo importante destacar que a Trafaria e Costa da Caparica estavam destinadas para área turística (Flores, 2009, p. 221).

²² Atualmente, esta secção já não existe, estando as funções exercidas pela mesma distribuídas por diversos institutos, sendo o principal o Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU).



Figura 68. Plano de Urbanização da Costa da Caparica (Pucc) – Localização da Escola Primária – 1946,

Autor: arquiteto Faria da Costa



Figura 69. Localização da Escola Primária - 2019, [Escala n.d.]

Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



3.2.1 | Plano de Urbanização da Costa da Caparica (PUCC) | arquiteto Faria da Costa | 1946

No âmbito do PUCA, foi idealizado um Plano de Urbanização da Costa da Caparica (PUCC), ficando a cargo do arquiteto Faria da Costa analisar os aglomerados urbanos da Costa da Caparica, Trafaria e Cova do Vapor.

Os relatórios realizados pelo arquiteto demonstram como estas zonas eram muito precárias no que diz respeito às infraestruturas e organização territorial, afirmando que todo o seu desenvolvimento, nestas áreas, resultou *“de um crescimento rápido, sem plano pré-estabelecido, o que seria agravado por uma inexistente intervenção e controlo do município”*(Flores, 2009, p. 222).

Apesar de estes dois planos (PUCA e PUCC) serem aprovados em 1947, não seguiram em frente, devido à falta de conjugação com o Plano Regional de Lisboa, que estava muito atrasado, contribuindo, assim, para que estes planos ficassem apenas como Antepiano de Urbanização (Flores, 2009, p. 222). Acrescenta-se ainda o facto de no PUCC ser necessária a análise por parte da Direção-Geral dos Serviços Hidráulicos e Serviços Florestais, devido à erosão do cordão dunar (Flores, 2009, p. 223).

Este atraso na implementação dos planos foi positivo, pois nada fazia prever que, a partir de 1948, houvesse cheias na zona, que contribuíssem para uma grande erosão do cordão dunar, que provocou o recuo da linha de costa (fig.70).

Não sendo possível materializar a totalidade do plano, implementou-se por partes. Os terrenos foram vendidos em hasta pública e apenas construídos a Escola Primária – 1960 - a 2ª fase da construção do Bairro de Pescadores da Costa da Caparica e o Centro Social da Casa dos Pescadores em 1963(Flores, 2009, p. 223).

Apenas se localiza a Escola Primária (figs.68 e 69), porque os outros estão fora da área de análise.

Na figura 70, verifica-se a erosão do cordão dunar ao longo dos anos. Isto porque: “A partir de 1940 inicia-se um processo de erosão e uma redução acentuada da restinga que ligava a Cova do Vapor ao Bugio [...] Esta redução é consequência de dragagens realizadas nesta área”(OLIVEIRA, 2015, p. 45).

A construção dos Silos na zona da Trafaria só piorou a situação. Este novo aterro alterou a “circulação natural dos sedimentos”(Oliveira, 2015, p. 46), sendo que, atualmente, estes sedimentos depositam-se ao pé dos Silos (fig.71). De forma a contrariar esta tendência, foram realizadas diversas ações para a fixação das areias nas zonas mais afetadas, sendo estas a praia são João da Caparica e a zona da Cova do Vapor.

A primeira ação para reverter esta situação foi a reposição artificial da areia nas praias. Contudo, para além de ser um processo muito dispendioso, não é totalmente eficaz, uma vez que há sempre necessidade, ano após ano, devido a tempestades e à força do mar, de novas reposições de areia. A segunda ação é a construção de esporões para retenção de areias nas praias (fig.71).

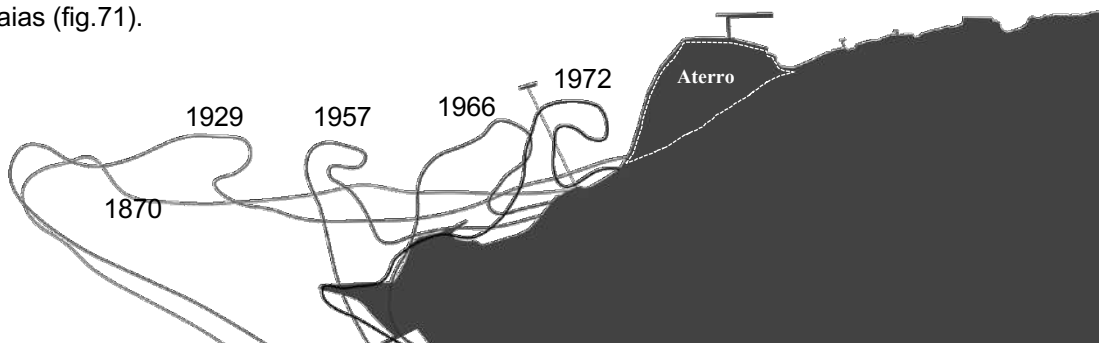


Figura 70. Planta com identificação do recuo da linha de costa ao longo dos anos – 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros



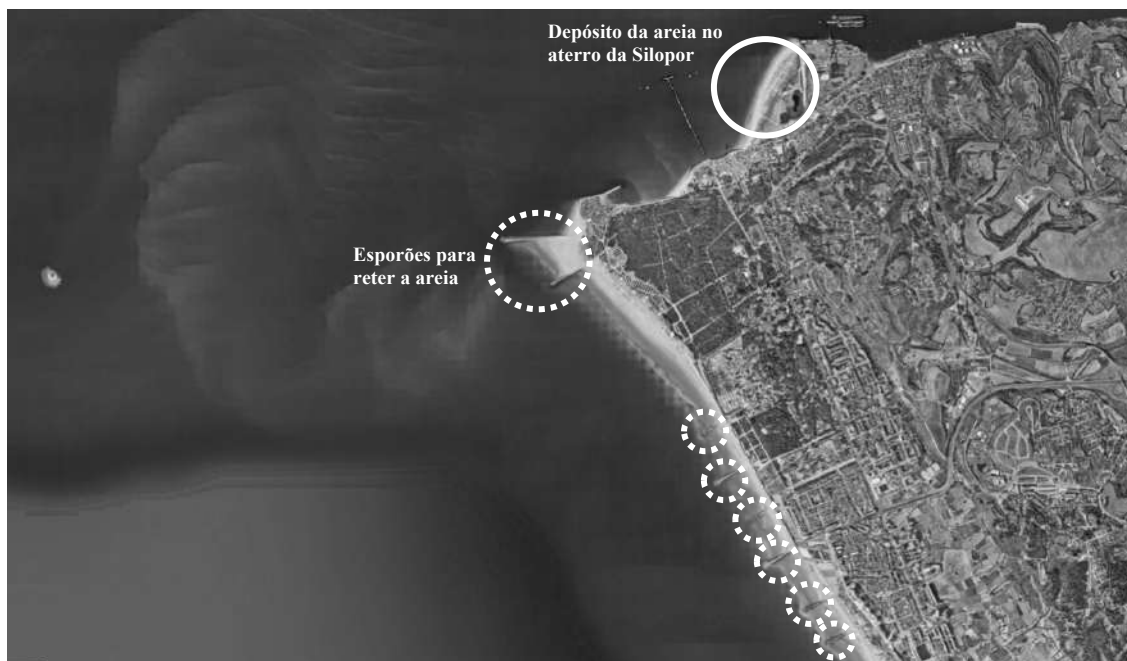


Figura 71. Localização dos esporões e da areia que se deposita ao pé dos Silos – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



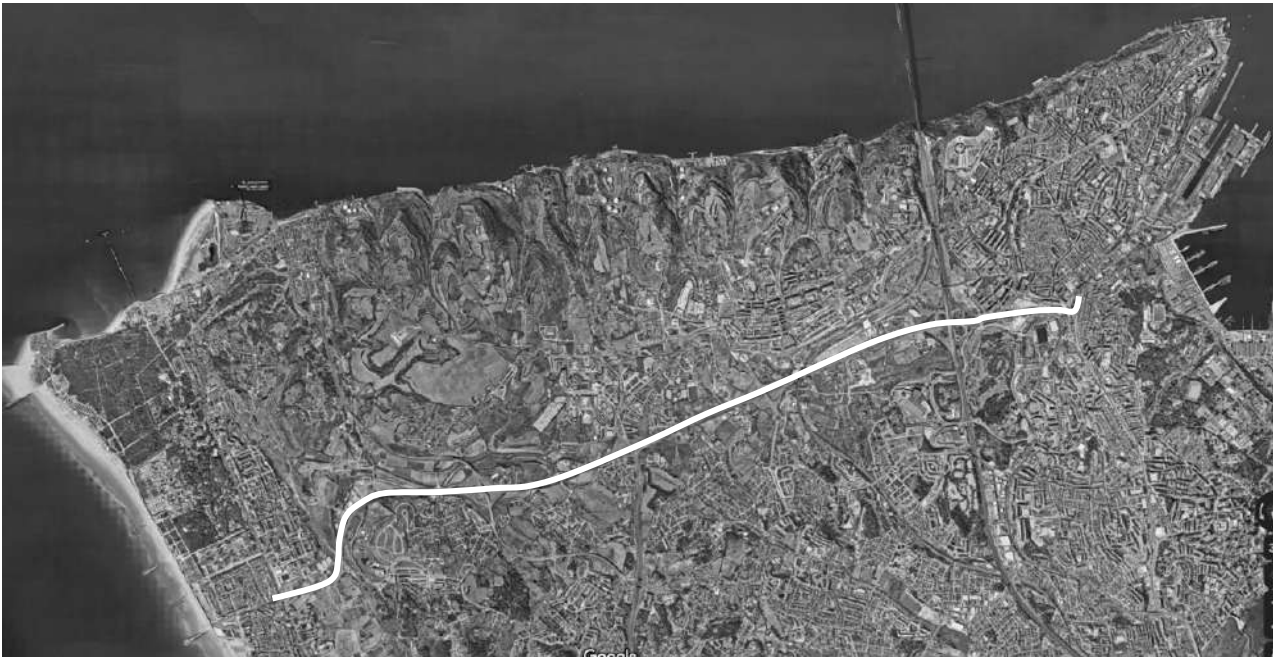


Figura 72. Identificação da via-rápida entre a Cova do Vapor e a Costa da Caparica – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



3.3 | Plano de Aproveitamento Turístico-Recreativo da Zona Atlântida da Trafaria ao Forte da Telha (PATRZATFT) | 1965

Com o crescimento do turismo cada vez maior e do aglomerado urbano resultante da construção da ponte sobre o Tejo, em 1970, foi aprovado um plano onde estavam *“destacadas as potencialidades e o interesse urbanístico da orla marítima ocidental da Península de Setúbal, desde a Cova do Vapor até ao Cabo Espichel, com especial relevância para a zona da Costa da Caparica”* (Flores, 2009, p. 226).

Este plano focou-se essencialmente em três aspetos: o turístico, que diz respeito à vinda da população para o local, tanto nacional como internacional; o recreativo, com a construção de equipamentos para fins lúdicos; e o residencial, que relaciona esta zona mais como um local de implementação de uma segunda residência, ainda que exista, também, população permanente no local. Os limites do plano circunscreveram a frente de mar entre a Trafaria e a Fonte da Telha (FLORES, 2009, p. 226).

Como se tornou habitual, este plano como os seus antecessores acabou apenas por ser implementado parcialmente, priorizando, assim, a componente viária (fig.72), com a construção da via-rápida entre a Cova da Piedade e a Costa da Caparica (Flores, 2009, p. 227).

“Segundo Duarte e Lamas (1978), as dinâmicas desencadeadas com a melhoria das acessibilidades e as pressões demográficas e urbanísticas, que se assistiram, vieram introduzir uma alteração na dinâmica urbanística do território, que o plano não foi capaz de prever, contribuindo este facto para a sua reduzida implementação” (Flores, 2009, p. 227).

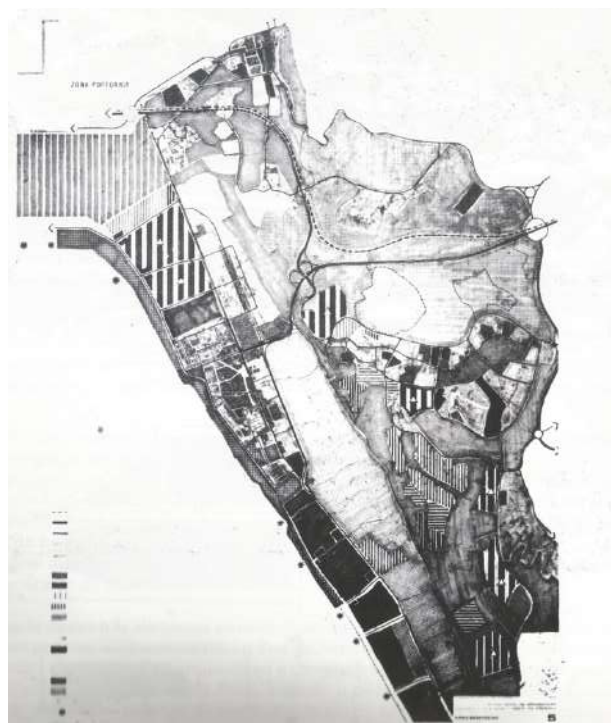


Figura 73. Plano da área da Trafaria – Costa da Caparica.
 Planta Geral – Utilização do Solo – 1980,
 Autores: arquitetos Carlos Duarte e José Lamas

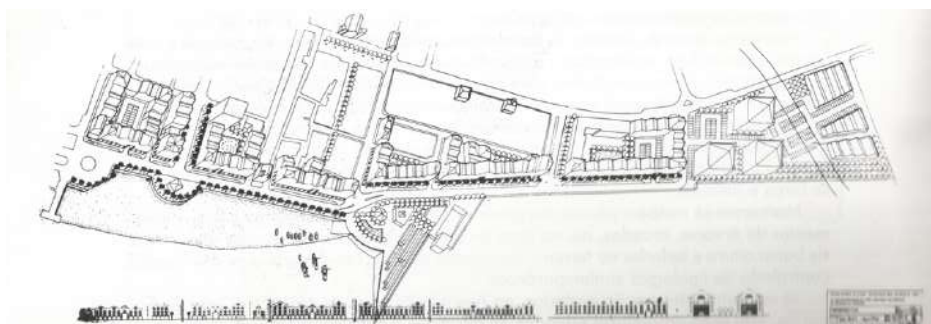


Figura 74. Plano Pormenor da Frente Urbana sobre o Tejo na Trafaria –1987,
 Autores: arquitetos Carlos Duarte e José Lamas

3.4 | Plano Geral de Urbanização da Trafaria, Vila Nova e Costa da Caparica (PGUTVNCC) | arquitetos Carlos Duarte e José Lamas | 1979

A partir da década de setenta, verificou-se, nas periferias dos aglomerados existentes, uma expansão através das inúmeras operações de loteamento, onde se confere uma crescente utilização das tipologias em banda ou torre. Estas tipologias provocaram “[...] rupturas, mais significativas na estrutura urbana [...] as torres constituíam um sinal de modernidade [...]” (Flores, 2009, p. 228).

Em 1979, os arquitetos Carlos Duarte e José Lamas conceberam um plano que tomava como aspeto principal “[...] trabalhar verdadeiramente o espaço urbano” (Lamas, 2010, p. 469).

Para tal, foi necessário um estudo intensivo sobre o território (limites das áreas urbanas, traçado das vias, definição de eixos). Este plano pretendeu ir além das principais preocupações que ocupavam a forma de projetar e ditavam muitas vezes a forma de se construir (zoneamentos e traçados viários). Para a Trafaria (fig.74), o objetivo era “a requalificação da sua zona ribeirinha [...] com a proposta de um passeio marginal [...]” (Flores, 2009, p. 231).

Apesar de todo o trabalho realizado, verifica-se que “quer a reestruturação viária, bem como as orientações estratégicas quanto ao espaço público definidas no PGUTVNCC [...]” (Flores, 2009, p. 232) não foram implementadas, pois o plano “[...] não foi um instrumento eficaz para a gestão de um território demasiado exposto às dinâmicas e pressões associadas a fenómenos de crescimento [...]” (Flores, 2009, p. 233).



*Figura 75. Localização do Plano Estratégico para a Costa da Trafaria,
[Escala n.d.]
Fonte: Câmara Municipal de Almada*



3.5 | Projeto Estratégico Costa da Trafaria | Câmara Municipal de Almada | 2004

No âmbito da operação polis para a Costa da Caparica²³, são realizados vários estudos para a costa da Trafaria com o objetivo de uma revitalização urbana e valorização ambiental. Através desses estudos, foram desenvolvidos cinco planos de pormenor para toda a área em questão.

De acordo com o documento estratégico lançado pela Área de Revitalização Urbana (ARU) da Trafaria, os seguintes planos consistem:

PP1 - Plano de Pormenor São João da Caparica – “estabelecer o remate norte da área urbana e frente de praias da Costa da Caparica e transição para a Frente Ribeirinha do Tejo[...]” que “[...] visa o ordenamento da frente urbana [...]”(ARU, n.d., p. 13).



Figura 76. Localização do Plano de Pormenor São João da Caparica,

[Escala n.d.]

Fonte: Câmara Municipal de Almada

²³ O Programa polis da Costa da Caparica assenta na requalificação desta zona, tanto a nível ambiental, como urbanístico. No site da Câmara Municipal de Almada, é possível consultar com maior descrição todos os objetivos para a Costa da Caparica. Site Câmara Municipal Almada – Projetos Estratégicos – Polis Costa da Caparica.

PP2 - Plano de Pormenor do Torrão – “criação de um sistema urbano integrado e sustentável reordenando e renovando uma área actualmente ocupada com construções clandestinas, habitação social e alguns equipamentos e que procurará estabelecer uma articulação entre o núcleo urbano consolidado da Trafaria [...]”(ARU, n.d., p. 13).



Figura 77. Localização do Plano de Pormenor do Torrão,
[Escala n.d.]
Fonte: Câmara Municipal de Almada

PP3 - Plano de Pormenor das Abas da Raposeira – “[...] valorização da Mata como parque urbano integrado [...]”(ARU, n.d., p. 13).



Figura 78. Localização do Plano de Pormenor das Abas da Raposeira,
[Escala n.d.]
Fonte: Câmara Municipal de Almada

PP4 - Plano de Pormenor da Corvina/Raposeira – Consiste na melhoria de acessibilidades, em salvaguardar o património natural e em redefinir as áreas da Reserva Ecológica Nacional (REN) (CMA, n.d.)



Figura 79. Localização do Plano de Pormenor da Corvina/Raposeira, [Escala n.d.]

Fonte: Câmara Municipal de Almada

PP5 - Plano de Pormenor de Expansão Sul da Trafaria – Raposeira – “*obter um sistema urbano integrado e sustentável [...] e [...] definição da expansão urbana da vila e respectivas acessibilidades [...]*”(ARU, n.d., p. 14).



Figura 80. Localização do Plano de Pormenor de Expansão Sul da Trafaria, [Escala n.d.]

Fonte: Câmara Municipal de Almada



Figura 81. 1ª Fase do projeto dos Contentores na Trafaria – 2013,
[Escala n.d.]
Fonte: <http://candeiasblogger-omeuarquivo.blogspot.com/2013/>

3.6 | Terminal de Contentores da Trafaria | 2013

Através do Plano de Reestruturação do Porto de Lisboa, foi proposta pelo Governo a transferência do terminal de contentores de Santa Apolónia e Alcântara para a freguesia da Trafaria, com o intuito de, na zona de Lisboa, ficar o terminal de cruzeiros, sem a obstrução dos contentores por ali perto.

A divulgação deste plano gerou de tal forma indignação por parte da população, que o plano não chegou a seguir em frente para aquela zona, vendo-se assim, o Governo obrigado a procurar outras alternativas.

Como se verifica, através da figura 81, este novo projeto acoplar-se-ia ao Silos, havendo, consequentemente, necessidades de expansão para armazenamento de cargas e ainda a criação de uma ligação ferroviária, devido à afluência de carga que este terminal tem capacidade de suportar.

Neste plano, o impacto visual que iria criar na freguesia da Trafaria é, de facto, muito significativo, não sendo surpreendente a fraca/nula aceitação por parte da população.

**IV | LEVANTAMENTO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO E URBANO
DA TRAFARIA**

Neste capítulo, propõe-se a elaboração de fichas técnicas de todos os edifícios que fazem parte do património arquitetónico e urbano da Trafaria. Para a sua realização, os critérios utilizados são os que se encontram no KIT 01 – Património Arquitetónico – Geral²⁴ da DGPC, entidade responsável pela inventariação do património cultural português. Deste modo, para a elaboração das fichas, descreveram-se os seguintes dados:

- Categoria; - Proteção; - Época de construção; - Arquiteto; - Utilização inicial; - Utilização atual, e por último, o estado de conservação.

Para a realização do estado de conservação dos edifícios, os conceitos aplicados foram os que constam no KIT 01, dessa forma, entende-se:

***Bom:** o objecto apresenta poucos ou nenhum sinal de degradação; não necessita de qualquer intervenção de recuperação ou manutenção significativa, requerendo apenas manutenção periódica ou preventiva.*

***Razoável:** o objecto apresenta sinais de desgaste ou deterioração, com danos reversíveis que não afectam seriamente o desempenho da função, requerendo intervenções pontuais de consolidação ou reparação.*

***Mau:** o objecto evidencia sinais de degradação acentuada, com danos graves que afectam seriamente o desempenho da função, requerendo restauro extensivo.*

***Ruína:** o objecto perdeu a capacidade de desempenho da função por colapso total ou parcial.” (Lacerda & Vieira, 2010, p. 99)*

Numa primeira fase, pretende-se localizar todo o património que se encontra inventariado no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) e proceder à atualização das suas fichas técnicas. Introduce-se um item novo, o Estado de Conservação.

²⁴ http://www.monumentos.gov.pt/site/data_sys/studyanddocuments/normal/kit01.pdf

Numa segunda fase, pretende-se fazer o levantamento de todos os edifícios que não constam do inventário do SIPA, mas que possuem valor patrimonial, sobre os quais se pretende que sejam propostos para inventariação e, se possível, protegidos. Para o efeito, é realizado, um levantamento fotográfico do seu estado atual.

Para cada edifício, apresentam-se fotografias de duas épocas distintas (uma atual), permitindo uma análise comparativa de eventuais alterações exteriores.

**4.1 | Património Inventariado no Sistema de Informação para o Património
Arquitetónico (SIPA)**



Figura 82. Localização do Património Inventariado no SIPA - 2019,
 [Escala n.d.]
 Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Figura 83. Escola Básica nº1 da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 84. Escola Básica nº1 da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

A reabilitação deste edifício descaracterizou totalmente a fachada original. Foi adicionado um pórtico na entrada principal e um beirado na cobertura.

1 – Escola Primária da Trafaria / Escola Básica do 1ºCiclo e Jardim de Infância nº1 da Trafaria

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Educativas

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Educativa: Escola Primária

Utilização atual: Educativa: Escola Básica

Estado de conservação: Bom



Figura 85. Edifício da Delegação Marítima da Trafaria – 2009,
Fotografia: Desconhecido



Figura 86. Edifício da Delegação Marítima da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Sem alterações

2 – Edifício da Delegação Marítima da Trafaria

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas de Serviços Financeiros

Proteção: Inexistente

Época de construção: Desconhecido

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Financeira: Delegação Marítima

Utilização atual: Financeira: Delegação Marítima

Estado de conservação: Razoável



Figura 87. Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 88. Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Sem alterações

3 – Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Militares e de Segurança

Proteção: Inexistente

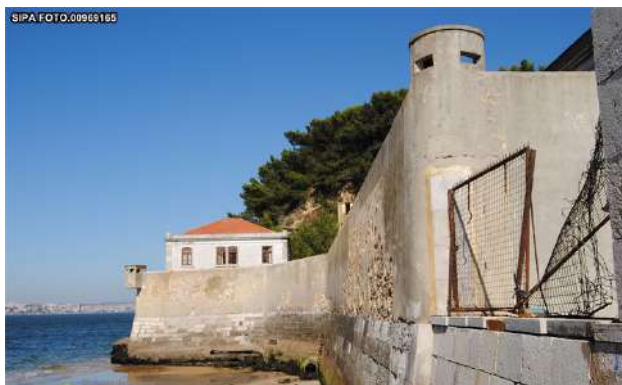
Época de construção: Séc. XX (1966)

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Segurança: Quartel de Bombeiros

Utilização atual: Segurança: Quartel de Bombeiros

Estado de conservação: Bom



*Figura 89. Forte da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira*



*Figura 90. Forte da Trafaria – 2019,
Fotografia: Milena de Villiers*

Nota:
Sem alterações,
continuando ao
abandono

4 – Forte da Trafaria

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Militares e de Segurança

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XVII (1683)

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Militar: Forte

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Mau



*Figura 91. Posto Guarda Nacional Republicana – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira*



*Figura 92. Posto Guarda Nacional Republicana – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:
Sem alterações

5 – Posto Guarda Nacional Republicana

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Vivenda

Utilização atual: Segurança: Posto da GNR

Estado de conservação: Bom



Figura 93. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 94. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Sem alterações

6 – Casa na Avenida 25 de Abril, nº19

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Desconhecido

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Chalé

Utilização atual: Residencial: Chalé

Estado de conservação: Razoável



Figura 95. Vivenda Filipe Neto | Avenida 25 de Abril, nº18 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 96. Vivenda Filipe Neto | Avenida 25 de Abril, nº18 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Sem alterações

7 – Vivenda Filipe Neto | Avenida 25 de Abril, nº18

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XIX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Vivenda

Utilização atual: Residencial: Vivenda

Estado de conservação: Razoável



*Figura 97. Edifício na Rua António José Martins – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira*



*Figura 98. Edifício na Rua António José Martins – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:
Sem alterações

8 – Edifício na Rua António José Martins

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Edifício multifamiliar

Utilização atual: Residencial: Edifício multifamiliar

Estado de conservação: Razoável



Figura 99. Casa na Rua António José Martins, nº3 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 100. Casa na Rua António José Martins, nº3 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Alvo de reabilitação,
para ser o novo
Centro Social da
Trafaria

9 – Casa na Rua António José Martins, nº3

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Desconhecido

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Casa multifamiliar

Utilização atual: Assistencial: Centro Social

Estado de conservação: Bom (reabilitado)



Figura 101. Casa na Rua 5 de Outubro, nº37 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 102. Casa na Rua 5 de Outubro, nº37 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

O edifício foi
reabilitado e
continua a ser
um posto
comercial

10 – Casa na Rua 5 de Outubro, nº37

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Desconhecido

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Casa unifamiliar

Utilização atual: Comercial: Loja

Estado de conservação: Bom



Figura 103. Casa na Rua 5 de Outubro, nº68 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 104. Casa na Rua 5 de Outubro, nº68 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

O anexo do piso 1 foi demolido, contribuindo para a reposição da arquitetura original

11 – Casa na Rua 5 de Outubro, nº68

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XIX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Casa multifamiliar

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Razoável



*Figura 105. Casal Bragança – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira*



*Figura 106. Casal Bragança – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:
Sem alterações

12 – Casal Bragança

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XIX (1889)

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Vivenda

Utilização atual: Residencial: Vivenda

Estado de conservação: Bom (reabilitado em 2005)



*Figura 107. Vivenda Santa Maria | Avenida Bulhão Pato, nº75 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira*



*Figura 108. Vivenda Santa Maria | Avenida Bulhão Pato, nº75 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:
Sem alterações

13 – Vivenda Santa Maria | Avenida Bulhão Pato, nº 75

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Vivenda

Utilização atual: Residencial: Vivenda

Estado de conservação: Bom



*Figura 109. Avenida Bulhão Pato, nº65 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira*



*Figura 110. Casa na Avenida Bulhão Pato, nº65 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:

A reabilitação alterou a cor exterior das fachas. Além disso, foi adicionado mais um piso

14 – Casa na Avenida Bulhão Pato, nº 65

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XIX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Vivenda

Utilização atual: Turístico: Alojamento local

Estado de conservação: Bom (reabilitado)



Figura 111. Casa na Avenida Bulhão Pato, nº45 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 112. Casa na Avenida Bulhão Pato, nº45 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Sem alterações

15 – Casa na Avenida Bulhão Pato, nº 45

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Vivenda

Utilização atual: Residencial: Vivenda

Estado de conservação: Razoável



Figura 113. Vivenda Maria Manuel | Avenida Bulhão Pato, nº43 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 114. Vivenda Maria Manuel | Avenida Bulhão Pato, nº43 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Sem alterações

16 – Vivenda Maria Manuel | Avenida Bulhão Pato, nº 43

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Vivenda

Utilização atual: Residencial: Vivenda

Estado de conservação: Razoável



Figura 115. Chalé Maria Hortense | Avenida Bulhão Pato, nº4 – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 116. Chalé Maria Hortense | Avenida Bulhão Pato, nº4 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

O edifício foi
reabilitado, mantendo
as suas características
originais

17 – Chalé Maria Hortense | Avenida Bulhão Pato nº4

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XIX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Residencial: Chalé

Utilização atual: Residencial: Chalé

Estado de conservação: Bom (reabilitado em 2019)



Figura 117. Fábrica na Rua Guedes Coelho – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 118. Fábrica na Rua Guedes Coelho – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

O edifício encontra-se
mais degradado ainda

18 – Fábrica na Rua Guedes Coelho

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Industriais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Industrial: Fábrica de conservas alimentícias

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Mau



Figura 119. Fábrica de Conservas de Peixe Narciso – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 120. Fábrica de Conservas de Peixe Narciso – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

Atualmente não se encontra vestígios, de que neste local existiu um dos principais complexos fabris

19 – Fábrica de Conservas de Peixe Narciso

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Industriais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XIX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Industrial: Fábrica de conservas de peixe

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Ruína



Figura 121. Coreto da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 122. Coreto da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Sem alterações

20 – Coreto da Trafaria

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Culturais e Recreativos

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Cultural e recreativo: Coreto

Utilização atual: Cultural e recreativo: Coreto

Estado de conservação: Bom



Figura 123. Cineteatro da Trafaria – 2000,
Fotografia: Desconhecido



Figura 124. Cineteatro da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

Este edifício passou por várias obras de remodelação que nunca chegaram a ser terminadas. Atualmente encontra-se descaracterizado

21 – Cineteatro da Trafaria

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Culturais e Recreativos

Proteção: Inexistente

Época de construção: Desconhecido

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Cultural e recreativo: Cineteatro

Utilização atual: Devoluto (Entaipado)

Estado de conservação: Mau



Figura 125. Casino Costa Rica – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 126. Casino Costa Rica – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

O edifício continua
sem utilização e a
degradar-se

22 – Casino Costa Rica

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Culturais e Recreativos

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Cultural e recreativo: Casino

Utilização atual: Devoluto (Entaipado)

Estado de conservação: Mau



*Figura 127. Mercado Municipal da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira*



*Figura 128. Mercado Municipal da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:
Sem alterações

23 – Mercado Municipal da Trafaria

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Comerciais, Turísticos e de Serviços

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX (1963)

Arquiteto: Obras de remodelação – Telmo Rodrigues

Utilização inicial: Comercial: Mercado

Utilização atual: Comercial: Mercado

Estado de conservação: Bom (reabilitado em 2007)



Figura 129. Chafariz da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 130. Chafariz da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Sem alterações

24 – Chafariz da Trafaria

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Infraestruturais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX (1944)

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Hidráulica: Chafariz

Utilização atual: Hidráulica: Chafariz

Estado de conservação: Razoável



Figura 131. Igreja de São Pedro – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 132. Igreja de São Pedro – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
Sem alterações

25 – Igreja de São Pedro

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Religiosos

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XVIII

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Religiosa: Igreja

Utilização atual: Religiosa: Igreja

Estado de conservação: Bom



Figura 133. Igreja Nossa Senhora da Conceição – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira



Figura 134. Igreja Nossa Senhora da Conceição – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

A igreja encontra-se em total ruína, seria essencial a sua reabilitação

26 – Igreja Nossa Senhora da Conceição

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Religiosos

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XVIII

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Religiosa: Igreja

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Ruína



*Figura 135. Estação Fluvial da Trafaria – 2011,
Fotografia: Teresa Ferreira*



*Figura 136. Estação Fluvial da Trafaria – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:
Sem alterações

27 – Estação Fluvial da Trafaria

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas de Comunicações e Transportes

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XX (1959)

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Transportes: Estação fluvial

Utilização atual: Transportes: Estação fluvial

Estado de conservação: Bom

Após o levantamento de todo o património que está inventariado pelo SIPA, conclui-se que, com o passar dos anos, muitas poucas foram as alterações realizadas.

O que está em ruína ou degradado continua neste mesmo estado. À exceção das habitações que estão a passar por uma reabilitação, fruto dos programas criados pela Câmara, e escolas. Tudo o que é património militar, industrial e religioso continua em progressiva destruição e abandono.

4.2 | Património Não Inventariado – Proposta para Inventariação

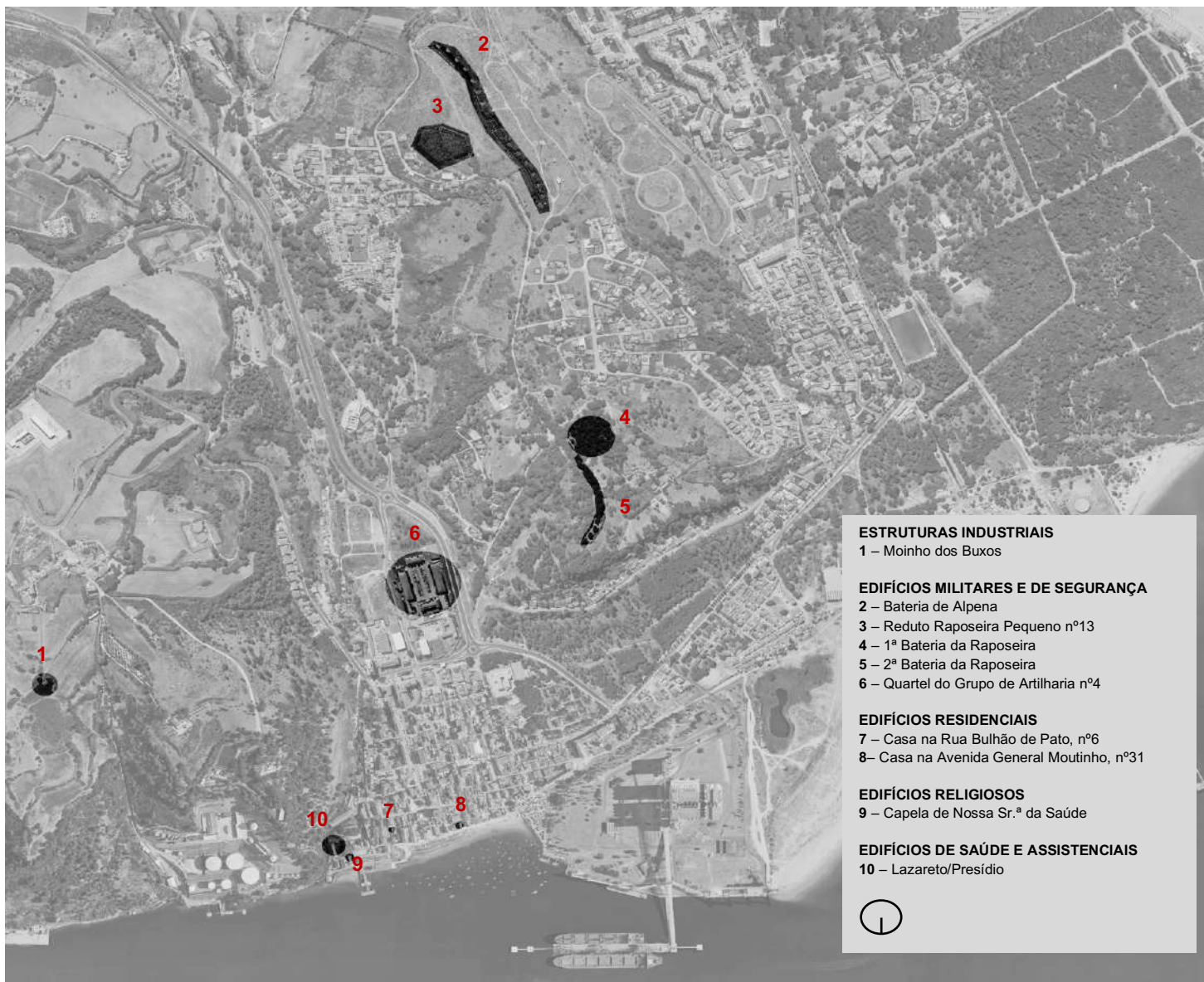


Figura 137. Localização do Património Não Inventariado – Proposta para Inventariação 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Figura 138. Moinho dos Buxos – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 139. Moinho dos Buxos – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

Sendo dos últimos moinhos de vento ainda existentes, é de extrema importância a sua reabilitação

1 – Moinho dos Buxos

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Industriais

Proteção: Inexistente

Época de construção: Séc. XVII/XVIII

Arquiteto: Desconhecido

Utilização inicial: Produção: Moinho

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Ruína



*Figura 140. Bateria de Alpena – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



*Figura 141. Bateria de Alpena – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:

Esta bateria continua ao abandono e sofreu recentemente um incêndio

2 – Bateria de Alpena

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Militares e de Segurança

Proteção: Inexistente

Época de construção: 1901

Arquiteto: Capitão de Engenharia Hermano José d'Oliveira Júnior; Capitão de Engenharia Carlos de Sá Carneiro

Utilização inicial: Militar: Bateria

Utilização atual: Devoluto



Nota:

Não existe nada no local que indique a existência de um reduto, sendo a sua localização praticamente desconhecida para grande parte da população



*Figura 142. Reduto Raposeira Pequeno, nº13 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Reprodução sobre imagem retirada do maps.google.pt*

3 – Reduto Raposeira Pequeno, Nº13

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Militares e de Segurança

Proteção: Inexistente

Época de construção:

Arquiteto:

Utilização inicial: Militar: Reduto

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação:



Figura 143. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 144. 1ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

Esta bateria continua ao abandono servindo para vandalismo e depósito de lixo

4 – 1ª Bateria da Raposeira

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Militares e de Segurança

Proteção: Inexistente

Época de construção: 1902

Arquiteto: Tenente de Engenharia Adolfo César Pina

Utilização inicial: Militar: Bateria

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Ruína



Figura 145. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 146. 2ª Bateria da Raposeira – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

Mais uma bateria
continua ao abandono
servindo para
vandalismo e depósito
de lixo

5 – 2ª Bateria da Raposeira

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Militares e de Segurança

Proteção: Inexistente

Época de construção: 1893

Arquiteto: Capitão de Engenharia Hermano José D'Oliveira Júnior e Tenente de Engenharia António dos Santos Viegas

Utilização inicial: Militar: Bateria

Utilização atual: Devoluto



*Figura 147. Quartel do Grupo de Artilharia, nº4 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



*Figura 148. Quartel do Grupo de Artilharia, nº4 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:

O maior complexo militar está totalmente degradado, com todo o seu interior sem função. Apenas é utilizado o pátio para guardar viaturas apreendidas

6 – Quartel do Grupo de Artilharia, nº4

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Militares e de Segurança

Proteção: Inexistente

Época de construção:

Arquiteto:

Utilização inicial: Militar: Quartel

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Mau



*Figura 149. Casa na Rua Bulhão de Pato, nº6 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:

Esta habitação, em conjunto com o chalé Maria Hortense são as únicas que ainda possuem o típico beirado, em madeira rendilhado, desta tipologia

7 – Casa na Rua Bulhão de Pato, nº6

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção:

Arquiteto:

Utilização inicial: Residencial: Chalé (beirado típico desta tipologia)

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Mau



Figura 150. Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros



Figura 151. Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:
É das habitações
mais antigas do
núcleo histórico da
Trafaria

8– Casa na Avenida General Moutinho, nº31

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Residenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção:

Arquiteto:

Utilização inicial: Residencial: Chalé

Utilização atual: Residencial: Chalé

Estado de conservação: Razoável



Nota:
Das primeiras capelas da freguesia, situa-se dentro do Lazareto e está ao abandono

*Figura 152. Capela de Nossa Sr.ª da Saúde – 2019,
Fotografia: Milena de Villiers*

9 – Capela de Nossa Sr.ª da Saúde

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas Religiosos

Proteção: Inexistente

Época de construção: 1678

Arquiteto:

Utilização inicial: Religioso: Capela

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Razoável



*Figura 153. Lazareto / Presídio – exterior – 2019,
Fotografia: Milena de Villiers*

10 – Lazareto/Presídio

Categoria: Edifícios e Estruturas Construídas de Saúde e Assistenciais

Proteção: Inexistente

Época de construção:

Arquiteto:

Utilização inicial: Saúde: Lazareto

Utilização atual: Devoluto

Estado de conservação: Mau



*Figura 154. Lazareto / Presídio – interior: corredor – 2019,
Fotografia: Milena de Villiers*

Após o levantamento de todo este património, verifica-se que ainda existem várias inventariações por fazer.

Se o património inventariado se encontra em mau estado de conservação, é natural que esteja em pior estado o que não faz parte da listagem da SIPA.

É fundamental preservar todos estes edifícios, que caracterizam a identidade da freguesia, toda a sua história militar, industrial e religiosa.

V | ESTUDO TIPOLOGICO - CHALÉS



Figura 155. Localização dos três casos de estudos – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

Como explicado anteriormente, a freguesia da Trafaria adquire maior importância quando foi valorizada a sua aptidão para zona balnear. A afluência de pessoas exteriores para a freguesia provocou alterações na vida “*económica social e cultural da Trafaria*” (Leal, 2014, p. 112).

Arquitetura de Veraneio

À medida que começava a aumentar o número de banhistas para a Trafaria, colocaram-se questões relacionadas com o alojamento. Se, inicialmente, segundo Carlos Leal, os banhistas se instalavam em casas alugadas, posteriormente, passaram a construir habitações próprias temporárias (os chalés) para utilizar durante a época balnear, como casas de veraneio.

“[...] habitações adaptadas ao clima marítimo, pensadas para desfrute da vista, do Sol e da proximidade da beira-mar”(Severo, 2011, p. 68).

Se na outra margem, em Cascais, eram construídos palacetes. Numa versão mais humilde, estavam os chalés. Sabe-se que a vinda de certas pessoas de fora alterou os hábitos e costumes na freguesia da Trafaria. Estas influências notaram-se principalmente na forma como se construíram as casas para utilização na época de veraneio.

Entende-se por chalé:

“Tipologia habitacional complexa, ela comporta diversas subdivisões internas, sendo comum a todas a inspiração rústica, manifesta no uso artesanal da pedra e das madeiras como materiais construtivos e decorativos. Os mais luxuosos procuram aproximar-se dos valores vivenciais de míticos castelos medievais, divulgados nas revistas da época, a partir de espécimes ingleses, franceses e alemães. Os mais modestos apropriam-se da imagem de casas de montanha, na Inglaterra, na Suíça e na Alemanha [...]”(Silva, 2010, p. 17).

Os chalés adquiriram uma maior importância na freguesia da Trafaria, por volta dos finais século XIX e início do século XX, quando começaram a ser construídos para habitação temporária, e, com o passar do tempo, acabaram por servir de residência permanente.

O capítulo do estudo tipológico dos chalés, deve-se principalmente ao interesse pessoal nesta tipologia associado à presença destas edificações na área de estudo.

Esta tipologia merece um estudo mais aprofundado e um maior conhecimento, pois são estruturas que claramente marcaram uma época de um pensamento romântico, o interesse pelo exótico, excêntrico e o fazer diferente (Silva, 2010, p. 15).

Foi realizado um levantamento de três casos de estudo, para se ficar a conhecer melhor as características destas tipologias, que se baseiam principalmente em três aspetos: cromatismo, estilo e volumetria (Leal, 2014, p. 116).

O cromatismo, porque as cores utilizadas para a fachada eram fortes e escuras, para a habitação se sobressair no meio onde estava inserida.

O estilo, porque estas habitações conjugavam vários estilos arquitetónicos – utilizavam tudo o que pudesse diferenciar/sobressair das demais habitações à volta. O uso do ferro como significado da Arte Nova e o uso de estuques com figuras geométricas no interior das habitações.

Na volumetria, verifica-se a presença de mansardas de forma a evidenciar ainda mais a verticalidade da casa.

5.1 | Casa na Avenida 25 de Abril, nº19

01 | Implantação e Tipologia



Figura 156. Localização da Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Esta casa situa-se na Avenida 25 de Abril, numa zona ribeirinha inserida dentro de uma malha ortogonal. A habitação é isolada e integrada numa zona de carácter maioritariamente residencial.

A casa é composta por dois volumes e dois pisos, com planta de forma retangular.

A cobertura é inclinada de duas águas, revestida a telha cerâmica francesa, com quatro trapeiras.

As paredes são em alvenaria de pedra rebocada e pintada.

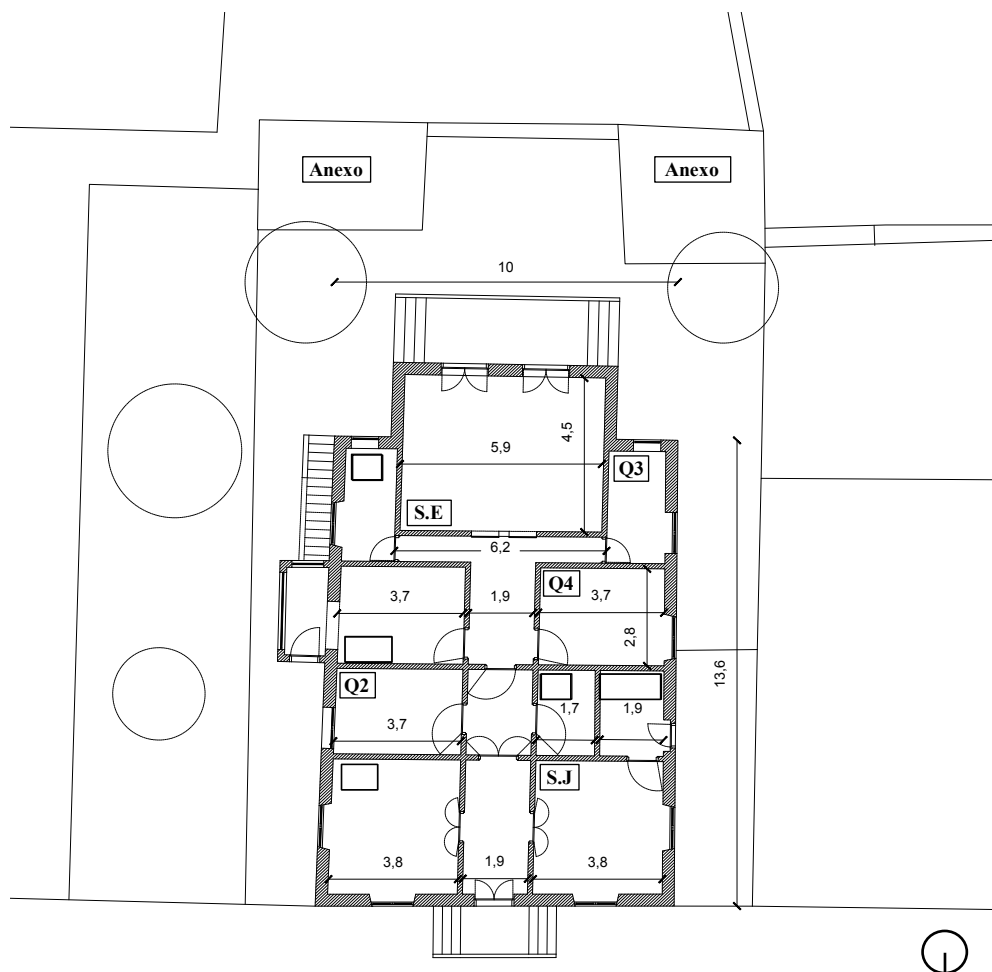
02 | Interior

A casa possui duas cozinhas (uma construída posteriormente), quatro quartos, duas instalações sanitárias, uma sala de jantar e outra de estar.

A distribuição da casa é feita por um corredor central que termina na sala de estar, e ao longo deste corredor, estão distribuídos os compartimentos restantes, todos eles independentes uns dos outros.

O último piso, é considerado um sótão, com áreas bastante generosas. O acesso é feito por escadas exteriores laterais.

O espaço exterior era ajardinado, mas foi alterado pela construção de dois anexos.



I.S – Instalação Sanitária | Q – Quarto | Coz. – Cozinha | S.E – Sala de estar | S.J – Sala de jantar

Figura 157. Planta da Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – 2019,
 [Escala n.d.]
 Autor: Raquel Viveiros



*Figura 158. Porta de entrada - 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:

O uso do ferro como elemento decorativo



*Figura 159. Hall de entrada - 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Nota:

Piso térreo com pé direito alto, com o teto revestido a estuque ornamentado com formas geométricas. As paredes pintadas de uma cor bastante viva



Nota:

As portas de correr que dão acesso à sala de estar, mantém os vidros coloridos (supõe-se que ainda sejam os originais)

*Figura 160. Portas para a sala de estar – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



Nota:

O teto da sala de estar é revestido a estuque ornamentado e pintado, a imitar caixotões de madeira. Observa-se o destacamento da tinta e a coloração branca do estuque

*Figura 161. Teto da sala de estar – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



*Figura 162. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – Fachada Principal – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

A fachada é rebocada e pintada com uma cor vermelho escuro, evidenciando-se, as molduras das janelas, portas e os cunhais pintados de branco. Tanto os portões, como as guardas, são em ferro forjado. É uma fachada simétrica. A entrada para a habitação faz-se através de uma porta central e escadas com acesso dos dois lados da rua. Observa-se a dissonância das caixas de estores salientes, colocados nos vãos de janela.



*Figura 163. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – Trapeira (sótão) – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Todo o beirado se encontra revestido em tábua de madeira. Julga-se que este, anteriormente, possuía o típico beirado dos chalés (ornamentado em madeira). Contudo, deve ter sido substituído devido à falta de manutenção. Não havendo registos fotográficos que o comprovem, permanece a dúvida.



Figura 164. Casa na Avenida 25 de Abril, nº19 – Desenho Técnico Fachada – 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros

Para além do levantamento realizado em planta, foi também feito o levantamento da geometria da fachada principal.

5.2 | Casa na Avenida General Moutinho, nº31

01 | Implantação e Tipologia



Figura 165. Localização da Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Esta casa situa-se na Avenida General Moutinho, de frente para a praia, com vista panorâmica para Lisboa. A habitação é isolada e tem dois acessos: Avenida General Moutinho ou a Travessa Augusto Paiva.

A planta é de formato retangular.

A estrutura é em alvenaria de pedra, rebocada e pintada.

A cobertura é inclinada de duas águas em telha cerâmica francesa, com claraboias²⁵ a iluminar o sótão.

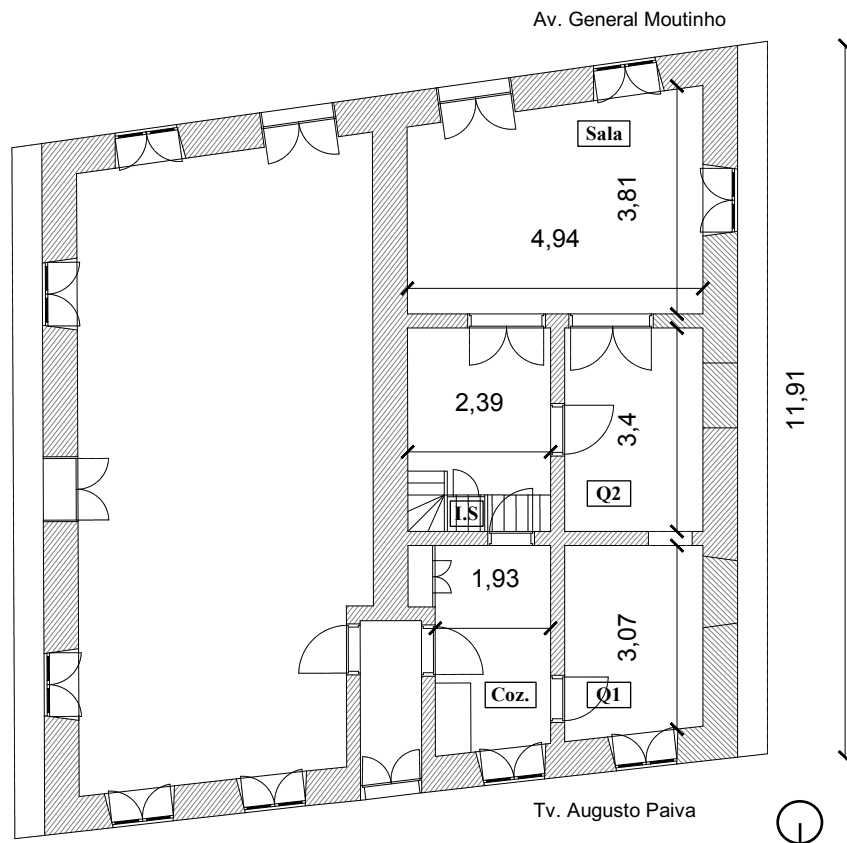
02 | Interior

A casa, atualmente, encontra-se dividida em duas habitações. Apenas foi permitida a visita a uma delas, cujo levantamento geométrico incluiu o interior (fig.166).

A habitação possui uma cozinha, dois quartos, uma sala e uma zona de acesso ao sótão. A casa de banho encontra-se debaixo das escadas, com dimensões muito reduzidas.

Apesar de não ter sido possível visitar o sótão, sabe-se que é composto por mais um quarto e uma instalação sanitária. A janela do sótão que dá para a avenida General Moutinho pertence à parte onde foi realizado o levantamento. Já a janela que dá para a Travessa Augusto Paiva pertence à outra habitação.

²⁵ Claraboia: “*Abertura envidraçada, com caixilhos, feita no teto ou na parede externa de prédios ou casas, a fim de permitir a passagem da luz[...]*” in Dicionários Online Português <https://www.dicio.com.br/claraboia/> [consultado em 18-09-2019].



I.S – Instalação Sanitária | Q – Quarto | Coz. – Cozinha

Figura 166. Planta do piso 1 - Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros



Figura 167. Chão entrada cozinha - Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019, Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

O chão da cozinha ainda possui o mosaico hidráulico original



Figura 168. Pormenor do teto da sala - Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – 2019, Fotografia: Raquel Viveiros

Nota:

O teto da sala ainda apresenta elementos decorativos em estuque



*Figura 169. Fachada da Avenida General Moutinho, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

As fachadas são rebocadas e pintadas de branco e vermelho escuro nos cunhais, friso e moldura do vão do sótão. As molduras das janelas no piso térreo são em pedra.

Os vãos do rés do chão, ainda incluem janelas e portas originais em madeira, mas a janela do lado direito foi substituída por caixilharia recente.



*Figura 170. Fachada da Travessa Augusto Paiva, nº31 – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

Em relação aos outros casos de estudo, esta habitação é mais simples e mais despojada de elementos decorativos nas suas fachadas. Julga-se que se deve ao facto de ter sido das primeiras casas de veraneio construídas na Trafaria.



*Figura 171. Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – Desenho Técnico Fachada da Av. Gen. Moutinho
– 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros*



*Figura 172. Casa na Avenida General Moutinho, nº31 – Desenho Técnico Fachada da Tv. Augusto Paiva
– 2019,
[Escala n.d.]
Autor: Raquel Viveiros*

5.3 | Chalé Maria Hortense, nº4 | Avenida Bulhão Pato

01 | Implantação e Tipologia



Figura 173. Localização do Chalé Maria Hortense, nº4 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt



Localiza-se na Avenida Bulhão de Pato e foi recentemente reabilitado no âmbito do projeto ARU da Trafaria. É uma casa de estilo romântico, construída no século XIX, de planta retangular, com três pisos.

As paredes são em alvenaria de pedra, revestida a azulejo no exterior.

A cobertura é duas águas furtadas, com telha cerâmica francesa e uma trapeira.

É o chalé mais ilustre da freguesia, pois é aquele que ainda mantém as suas características originais e o que mais elementos possui caracterizadores dos típicos chalés rústicos, como o beirado em madeira, as cores vivas, os elementos decorativos na fachada, uso do ferro forjado e ainda a verticalidade assumida através dos três pisos, tendo no último, uma trapeira.

02 | Interior

Visto que a casa passou por um processo de reabilitação recente (2019), não foi necessário fazer o levantamento, já que o arquiteto responsável pela obra disponibilizou os seus desenhos.

As seguintes plantas apresentam cores vermelho e amarelo. O vermelho diz respeito a todos os elementos a construir, já o amarelo são todos os elementos a demolir.

Nestas plantas de vermelhos e amarelos, é possível verificar as várias alterações que os arquitetos fizeram e quais os seus objetivos para a reabilitação. Nota-se a necessidade de criar espaços mais abertos, eliminando alguns compartimentos desnecessários.

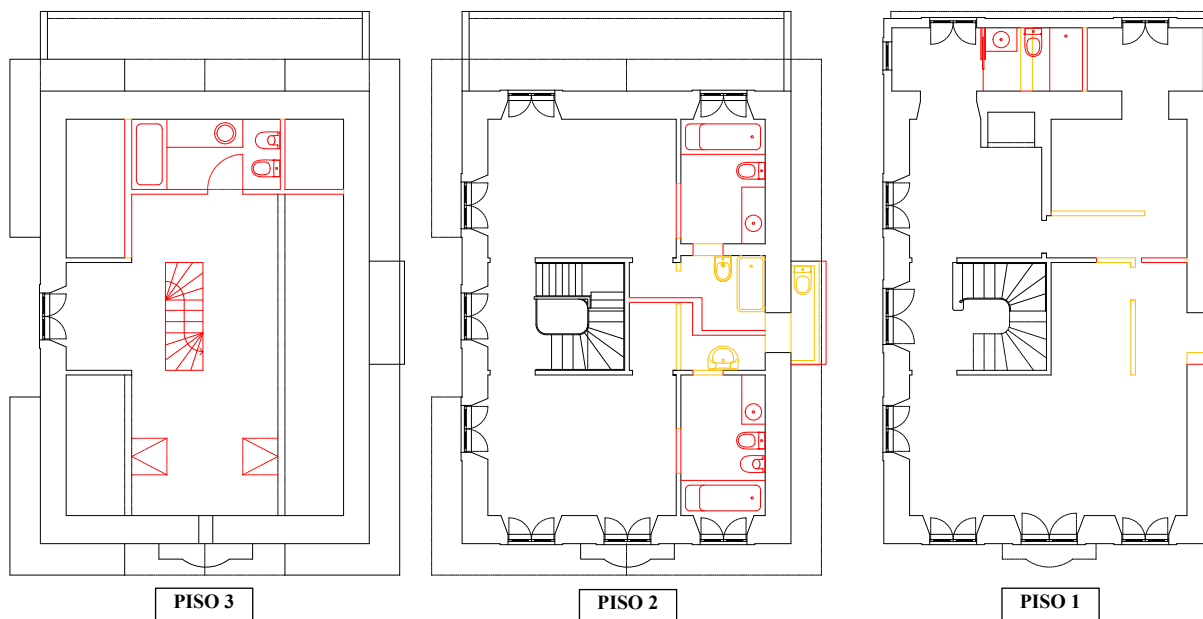
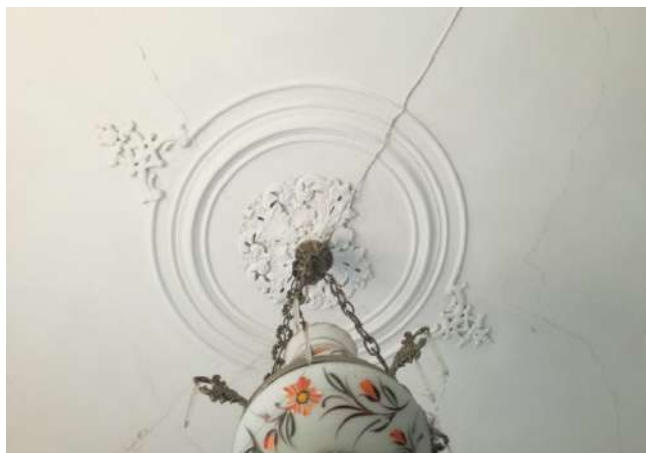


Figura 174. Plantas do projeto, vermelhos e amarelos, do Chalé Maria Hortense, nº4 – 2019,
[Escala n.d.]
Fonte: Ateliêr Tkv.ngs.arquitectos@gmail.com
Desenhos cedidos: Arquiteto Nuno Galo Santos





*Figura 175. Pormenor teto em estuque antes da reabilitação – 2018/19,
Fotografia: Arquiteto Nuno Galo Santos*



*Figura 176. Pormenor teto em estuques depois da reabilitação – 2018/19,
Fotografia: Arquiteto Nuno Galo Santos*



*Figura 177. Postal com indicação do chalé,
Fonte: Site Delcampe.pt*



*Figura 178. Chalé antes da reabilitação – 2018/19,
Fotografia: Arquiteto Nuno Galo Santos*

Uma análise comparativa entre as duas fotografias das figs. 177 e 178, revela que há poucas alterações na casa, exceto na forma do frontão que remata a trapeira e no revestimento exterior, que era rebocado e pintado de cor escura, sendo atualmente revestido a azulejo.

Ao ser vendido a uma família brasileira, esta optou por alterar a fachada e revesti-la com azulejos, incluindo uma bandeira do seu país no remate superior da trapeira.

Na última reabilitação de todos estes elementos, incluindo o revestimento em azulejos são mantidos.



*Figura 179. Mansarda com a bandeira brasileira no remate superior – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*



*Figura 180. Pormenor do beirado antigo, 2018/19
Fotografia: Arquiteto Nuno Galo Santos*



*Figura 181. Pormenor do beirado rehabilitado, 2019
Fotografia: Raquel Viveiros*



*Figura 182. Chalé rehabilitado – 2019,
Fotografia: Raquel Viveiros*

A cobertura foi integralmente rehabilitada, alterando-se o revestimento para telha cerâmica. O remate em madeira foi substituído, mas manteve-se a sua morfologia decorativa. As caixilharias em madeira foram todas substituídas por novas caixilharias de dois batentes.

VI | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar o território em questão e verificar o estado de conservação de todo este património, voltámos à questão inicial do trabalho:

Como é que esta zona tão próxima de Lisboa se encontra atualmente para responder tanto à massificação por parte de turistas, como à possível vinda de parte da população proveniente do processo de gentrificação?

Sabe-se que, hoje, o turismo em Portugal tem atingido valores nunca antes observados. Segundo uma notícia do Jornal Observador, *“Portugal é o país com maior crescimento no turismo da UE”*²⁶. Este fenómeno tem consequências positivas e negativas. O positivo, é o impacto direto que tem na economia do país. Os aspetos negativos passam pela saturação da cidade e pela falta de capacidade de fazer uma gestão sustentável do crescimento turístico. Esta falta de gestão verifica-se especialmente no mercado imobiliário. Devido à capacidade financeira de pessoas vindas de fora, que excede, em muito, a capacidade financeira da população local, verifica-se uma justaposição àquilo que eram os valores normais de compra/arrendamento de uma habitação. Sendo assim, a população, que já não consegue suportar os preços praticados em Lisboa, vê-se obrigada a sair do centro da cidade e a ir para zonas mais longínquas.

A Trafaria é favorável pela sua localização (sempre foi estratégico para Lisboa). Sendo uma zona perto já começa a ser notado, por várias entidades (tanto públicas, como privadas), o seu potencial.

²⁶ <https://observador.pt/2019/04/01/portugal-e-o-pais-com-o-maior-crescimento-no-turismo-da-ue/>

“Na Trafaria têm-se verificado que existe atualmente uma evidente capacidade de captação de investimento de novos investidores que aproveitam a excelente localização, o fator pitoresco da vila e as novas dinâmicas criadas, como um fator de motivação para os seus investimentos.”(Janeiro, 2019, p. 3)

Se grande parte do património do núcleo histórico da Trafaria se encontra degradado, atualmente já se verifica uma crescente quantidade de pedidos de licenciamento de projetos de reabilitação, no âmbito dos programas criados pela Câmara.

No entanto, se por um lado existe uma forte aposta na reabilitação de habitações, o mesmo não se pode dizer no que respeita ao património militar e industrial existente nesta freguesia. Todo este património teve um papel fundamental na história da Trafaria e, atualmente, encontra-se em ruínas. Recorde-se, recentemente, mais um episódio triste da história dessa freguesia, sobre a qual deflagrou um fogo na zona das baterias, devido à falta de limpeza das matas.

É caso para questionar: que medidas, por parte das entidades responsáveis, poderiam ser tomadas para revitalizar todo este património, que tem enorme potencial para assumir novas funções, e que, atualmente está ao abandono?

Não há dúvidas que as ações para revitalizar o núcleo histórico, concretamente as habitações, são uma boa iniciativa. Contudo, é necessário prevenir que as intervenções não alterem as características deste património, sob pena desta freguesia perder a sua identidade.

É questionável pensar sobre os verdadeiros motivos que levam a apostar na reabilitação deste núcleo. Será o objetivo de melhorar as condições de vida para os habitantes, erradicando os bairros de lata existentes (bairro do torrão 1 e 2) e, em paralelo, trazer outra população para criar uma nova dinâmica, numa vila que se encontra estagnada no tempo?

Ou será para captar a atenção dos turistas e, conseqüentemente, esta zona tornar-se-á numa nova Lisboa, em que residentes se verão obrigados a sair e a ir para outras zonas mais baratas.

A verdade é que a pressão imobiliária de Lisboa já começa a surgir efeitos em todo o concelho de Almada. Segundo uma entrevista à Renascença²⁷ dada pela presidente da Câmara de Almada, Inês de Medeiros, quando questionada acerca da pressão imobiliária e se já são visíveis os seus efeitos em Almada, responde:

“Já. O IMT aumentou imenso. Houve um grande movimento de reabilitação e novas transações. Depois, vê-se que, por exemplo, Cacilhas tem muitos novos habitantes. Felizmente estamos mais com alugueres de longa duração e aquisição, mas não quer dizer que não venhamos a ter mais Airbnb, mas deve ficar concentrado nas zonas mais junto ao rio. Sente-se também no aumento de preços de venda e arrendamento.”

Dado como certo a vinda de pessoas para a freguesia, o mínimo a fazer, nestas habitações tipo chalé, é reabilitar com precaução.

O último caso de estudo, o Chalé Maria Hortense, é um bom exemplo de reabilitação. Verifica-se que houve cuidado, por parte do arquiteto, em manter a construção original. Não demoliu paredes e elementos secundários. A demolição foi mínima, mantendo a disposição dos compartimentos, e repondo a morfologia inicial do edifício, com a demolição de uma instalação sanitária na varanda.

²⁷ Entrevista completa: <https://rr.sapo.pt/2019/01/03/politica/a-pressao-imobiliaria-sobre-lisboa-pode-aumentar-os-bairros-de-lata-em-almada/noticia/136032/>

O projeto não recorreu ao típico “fachadismo”, respeitando sempre a autenticidade e integridade do património arquitetónico, como: manter a escada central, recuperar os estuques com os elementos decorativos, utilizar o mesmo tipo de mosaicos originais, e por último restaurar o beirado em madeira ornamentada.

Em relação aos outros casos de estudo, verifica-se que a casa na Avenida 25 de Abril, à exceção da construção dos anexos no jardim, continua com os seus todos os seus elementos originais. Sabe-se que esta casa foi vendida e brevemente será também alvo de reabilitação.

A casa na Avenida General Moutinho, é um exemplo do que aconteceu com muitas casas de veraneio, a sua divisão em duas habitações.

Para além da análise dos chalés, foi elaborado um inventário completo do património arquitetónico da Trafaria, de diversas tipologias, bem como a análise do seu estado de conservação. Este inventário revelou que diversos patrimónios não se encontram inventariados no SIPA, propondo-se assim a sua inventariação.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído para um maior conhecimento da freguesia e do seu património. Fica a esperança de que este património possa vir a ser inventariado e reabilitado. Não é aceitável deixá-lo no estado em que se encontra. A reabilitação deve respeitar a autenticidade e características do edifício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

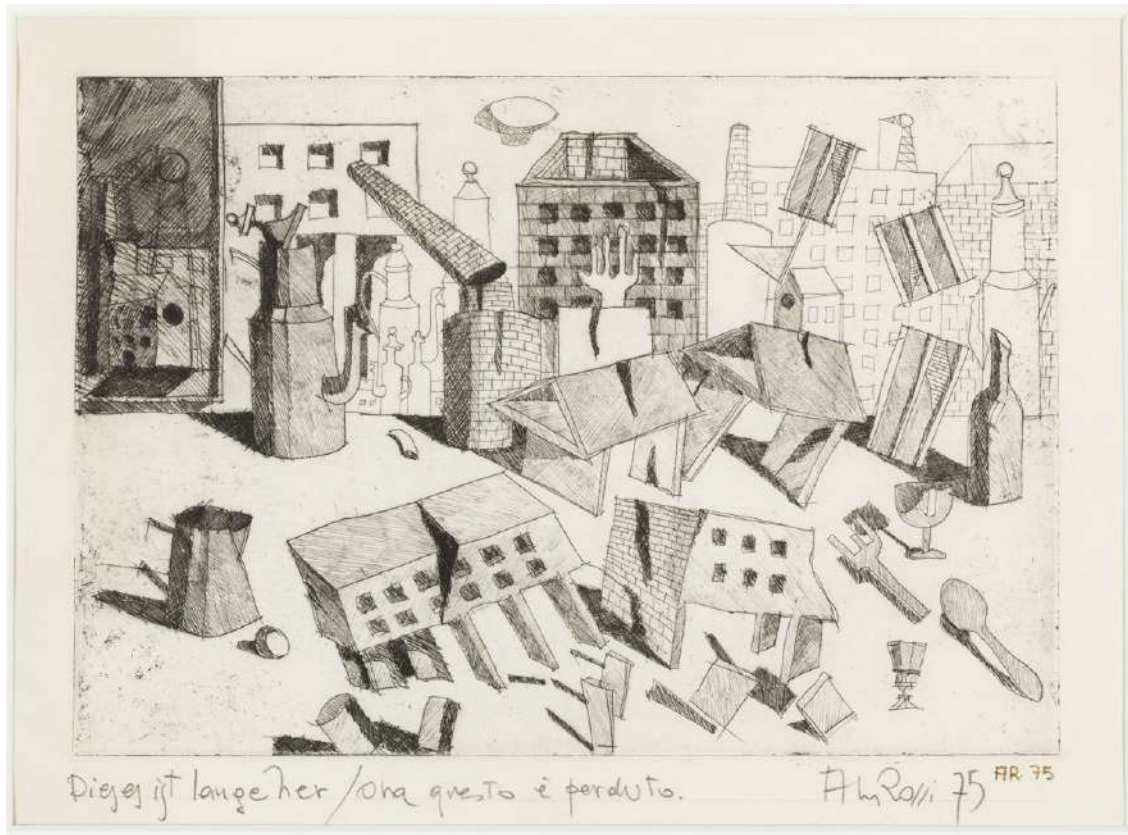
- Abreu, C., & Branco, F. (1984). *O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada.
- ARU. (n.d.). *Proposta para o Desenvolvimento de uma Operação de Reabilitação Urbana Simples numa área no Núcleo Urbano da Freguesia da Trafaria*.
- Barroso, J. E., Jesus, J. M., & Gonçalves, R. N. (1982). *Trafaria: A Comunidade e o Recreio*. Almada Universidade Nova de Lisboa.
- Brandão, R. (2014). *Os Pescadores*. Porto Editora.
- CMA. (n.d.). Portal da Câmara Municipal de Almada. Retirado de http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_qry=BOUI=391636888&actualmenu=410878230
- Correia, A. (1978). *Breves Notícias das Antigas Fortalezas em Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada.
- Flores, A. M. (2003). *Almada na História da Indústria Corticeira e do Movimento Operário: da Regeneração ao Estado Novo (1860 - 1930)*. Almada: Câmara Municipal de Almada.
- Flores, A. M. (2009). Anais de Almada nº11-12.
- Flores, A. M. (2013). Anais de Almada nº15-16.
- Gomes, C. (2016). Trafaria é Terra Amaldiçoada pelo Destino! Consultado em 18 de Janeiro, 2019, de <https://bloguedelisboa.blogs.sapo.pt/trafaria-e-terra-amaldicoada-pelo-494241>
- Granadeiro, R. (2014). Almada Virtual Museum. Retirado de <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2014/08/terras-da-costa.html>
- Janeiro, A. C. M. (2019). *Relatório de Monitorização da Operação da Área de Reabilitação Urbana (ORU) Simples da Trafaria*.
- Jornal da Associação Gandaia. (2015). Cassiano Branco. Retirado de <http://gandaia.info/?p=8005>

- Lacerda, M., & Vieira, J. (2010). *KIT 01 - Património Arquitectónico - Geral*. IHRU/IGESPAR.
Retirado de
http://www.monumentos.gov.pt/site/data_sys/studyanddocuments/normal/kit01.pdf
- Lamas, J. M. R. G. (2010). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade* (5th ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leal, C. B. (2014). *Outrafaria*. Centro de Arqueologia de Almada.
- Lobo, F. S. (2015). *A Defesa de Lisboa Linhas de Torres Vedras, Lisboa, Oriente s Sul do Tejo (1809-1814)*. Lisboa: Tribuna de História
- Oliveira, M. N. S. C. (2015). *Evolução Natural e Antrópica*. Instituto Superior de Agronomia.
- Raposo, A. (1999). *O Lazareto e os Hóspedes Imperiais*. Almada: Junta de Freguesia de Caparica.
- Rodrigues, G., & Pereira, E. (1911). Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico, Volume VI.
- Severo, C. M. de O. (2011). *A Cultura Balnear na Costa do Sol: Para um Museu da Praia*. Faculdade de Belas Artes.
- Silva, R. H. (2010). *Arquitetura de Veraneio - Cascais*. Câmara Municipal de Cascais.
- Soares, M. L. (1980). *Figuras e Factos do Concelho de Almada*. Cacilhas: Gráfica Progressiva.
- Soares, M. L. (1986). *Trafaria e sua Toponímia: Subsídios para a sua história*. Câmara Municipal de Almada.
- Sousa, R. H. P. (1981). *Fortalezas de Almada e Seu Termo*. Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Almada.
- Sousa, R. H. P. (1985). *Almada - Toponímia e História das Freguesias Urbanas*. Almada: Câmara Municipal de Almada.

PARTE II – NOVO CONJUNTO HABITACIONAL DA TRAFARIA

I INTRODUÇÃO	181
II COMPONENTE DE GRUPO	183
2.1 TRAFARIA TERRA	183
2.2 PROPOSTA DE GRUPO	185
2.3 FOTOGRAFIAS DA ÁREA DE INTERVENÇÃO	186
III COMPONENTE INDIVIDUAL	194
3.1 FOTOGRAFIAS DA ZONA DE INTERVENÇÃO	194
3.2 MEMÓRIA DESCRITIVA	198
3.3 DESENHOS	202

PARTE II – NOVO CONJUNTO HABITACIONAL DA TRAFARIA



Aldo Rossi, *Dieses ist langer – Ora questo è perduto*, 1975, etching, collection Bonnefantenmuseum © Eredi Aldo Rossi
retirado de <https://www.bmiaa.com/aldo-rossi-la-finistra-del-poeta-at-epfl-lausanne/>

I | INTRODUÇÃO

A segunda parte da dissertação segue-se inspirada na obra de Aldo Rossi, que analisa a origem e as transformações das cidades. Entende-se que, na obra de Rossi, a ideia principal é a “sensação de perda”, devido à quebra entre a civilização-cultura e forma-significado.

O trabalho da vertente prática de Projeto Final de Arquitetura apela à investigação e interpretação das características de um lugar, neste caso a Trafaria.

Este local encontra-se em vias de transformação, devido a fenómenos de gentrificação e especulação na cidade de Lisboa. Com base neste pressuposto, o principal objetivo prende-se pela projeção de alternativas para esta realidade. Consolidando novamente a forma-significado, não descuidando de todo o carácter daquela zona, através do seu património urbanístico e arquitetónico.



II | COMPONENTE DE GRUPO

2.1 | Trafaria Terra

A zona terra da Trafaria, historicamente ocupada por instalações militares, encontra-se desocupada. Os terrenos do quartel da Trafaria, assim como as instalações militares no topo da arriba, no local da Raposeira, estão fechadas ou abandonadas. Esta situação constitui simultaneamente um problema e uma oportunidade. Problema pelo abandono e degradação, oportunidade pela disponibilidade de terreno e pelo valor patrimonial.

A par desta situação, os antigos terrenos pertencentes ao Quartel Militar, adjacentes a este, e do Quartel dos Bombeiros encontram-se igualmente desaproveitados e restritos pelas estradas que os circundam e pelo posicionamento do Quartel dos Bombeiros.

Identificam-se três zonas de intervenção:

- Zona do Quartel da Trafaria
- Zona do Alto da Raposeira
- Estrada Militar (ligação Trafaria-Raposeira)



2.2 | Proposta de Grupo

Para a primeira zona: reconverter toda a área do quartel em espaço urbano e, admitindo a sugestão da CMA de promoção de emprego, numa incubadora de empresas, apostando numa visão expectante e de crescimento da Trafaria. A recolocação do Quartel dos Bombeiros para a entrada da Trafaria via terra permite a sinalização desta, bem como a abertura dos terrenos e extensão da malha urbana da localidade para sul, dotando assim o território de um novo bairro habitacional e de uma nova biblioteca adjacente.

Para a segunda zona: aferir possibilidade de recuperar as estruturas militares para uso cultural e turístico. Ordenar um percurso de ligação entre estruturas. Equipar o percurso para a receção de visitantes.

Para a terceira zona: aferir a possibilidade de melhorar as condições de ligação entre a cota alta e a cota baixa. Bem como valorizar paisagisticamente o percurso.

2.3 | Fotografias da Área de Intervenção



Quartel dos
Bombeiros
Voluntários da
Trafaria





Antigo Quartel de
Artilharia nº4 da
Trafaria





Terreno que antecede o Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria





Zona do Alto da
Raposeira,
Trafaria











III | COMPONENTE INDIVIDUAL

3.1 | Fotografias da Área de Intervenção



Foto aérea da zona de intervenção



Estrada de acesso ao terreno – estrada militar



Vista Norte



Vista Sul

3.2 | Memória Descritiva

A Trafaria, uma zona tão próxima de Lisboa, que sempre foi desprezada e considerada com alguma indiferença por parte da população, atualmente este cenário está prestes a mudar. A sua localização encontra-se, agora, emergente de novas transformações, que advêm do turismo e do processo de gentrificação que está a acontecer na capital.

O local escolhido é um terreno que se encontra desocupado e dentro da área de construção indicada pelo REN (Reserva Ecológica Nacional). Verifica-se que o núcleo urbano se encontra confrontado com o edifício do Quartel dos Bombeiros, sem possibilidade de crescimento. Torna-se necessário repensar estes limites de forma a permitir uma expansão da malha urbana, realocalizando também o Quartel de Bombeiros.

Morfologia:

A dimensão do edificado e a sua implementação surge com o objetivo de fazer a transição de escalas, entre a malha urbana existente e o Quartel da Artilharia nº4.

Tipologia:

Após a análise realizada às tipologias existentes na Trafaria, nota-se a predominância nas tipologias T1 e T3. Para além disso, as habitações projetadas, destinam-se também a vários agregados familiares, por isso optou-se por estas tipologias (T1 e T3) que possibilitam uma maior versatilidade de espaços de acordos com as várias necessidades de cada um.

Organização Funcional:

Todo o conjunto habitacional funciona como transição entre a rua principal e o jardim. Devido à proximidade entre a rua e o edificado, tomou-se como opção o recuo da entrada aos edifícios e o uso de canteiros para permitir uma maior privacidade. A orientação solar foi predominante para a disposição dos espaços, sendo que os quartos se encontram na sua maioria a nascente, as salas a poente, e as zonas húmidas viradas a norte. O edifício organiza-se em direito/esquerdo.

Tipologia T1

A entrada na habitação faz-se através de um hall de entrada, que liga os espaços (sala/cozinha – instalação sanitária – quarto), nesta tipologia, assume-se que, por ser menor, necessita de uma maior versatilidade. Sendo assim, optou-se por não se fazer uma divisão clara entre a cozinha e a sala, para que este espaço se torne maior.

Tipologia T3 – Duplex

A entrada faz-se da mesma forma que no t1, mas nesta tipologia que é em duplex, o piso superior é a área mais reservada (quartos), sendo o piso inferior como a zona mais social (cozinha – sala – instalação sanitária). Por ser uma tipologia maior, já exige divisão de espaços.

Materialidade:

Exterior – De acordo com as características da malha existente, seguiu-se uma métrica similar. A organização da fachada em (janela-janela-porta-janela-janela), e um embasamento no rés do chão.

Interior – O material predominante é a madeira (pretende buscar as origens/identidade da vila). A utilização deste material pretende fazer a contaminação e a transição de espaços (chão-porta-rodapé-escadas-mobiliária). O vidro também é utilizado para fazer a divisão, mas ao mesmo tempo dar a sensação de um único espaço.

O principal objetivo é promover uma maior consolidação do local perante as novas pressões urbanísticas emergentes.

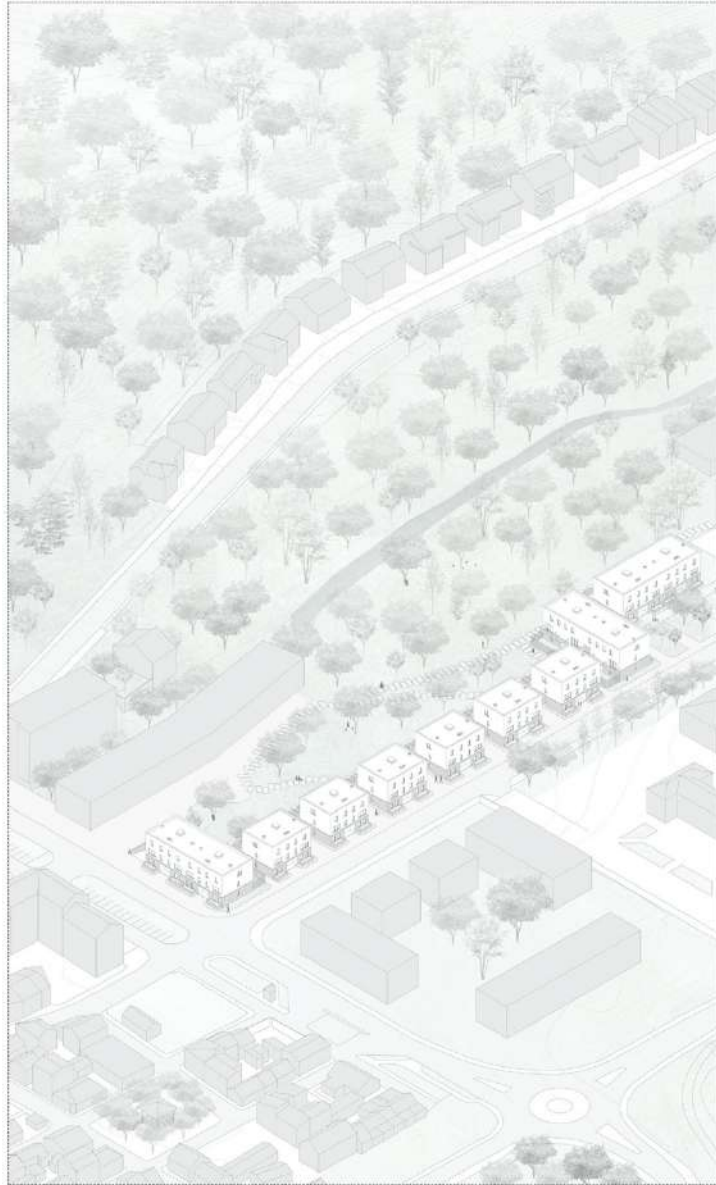
3.3 | Desenhos



0 30

Planta de Localização





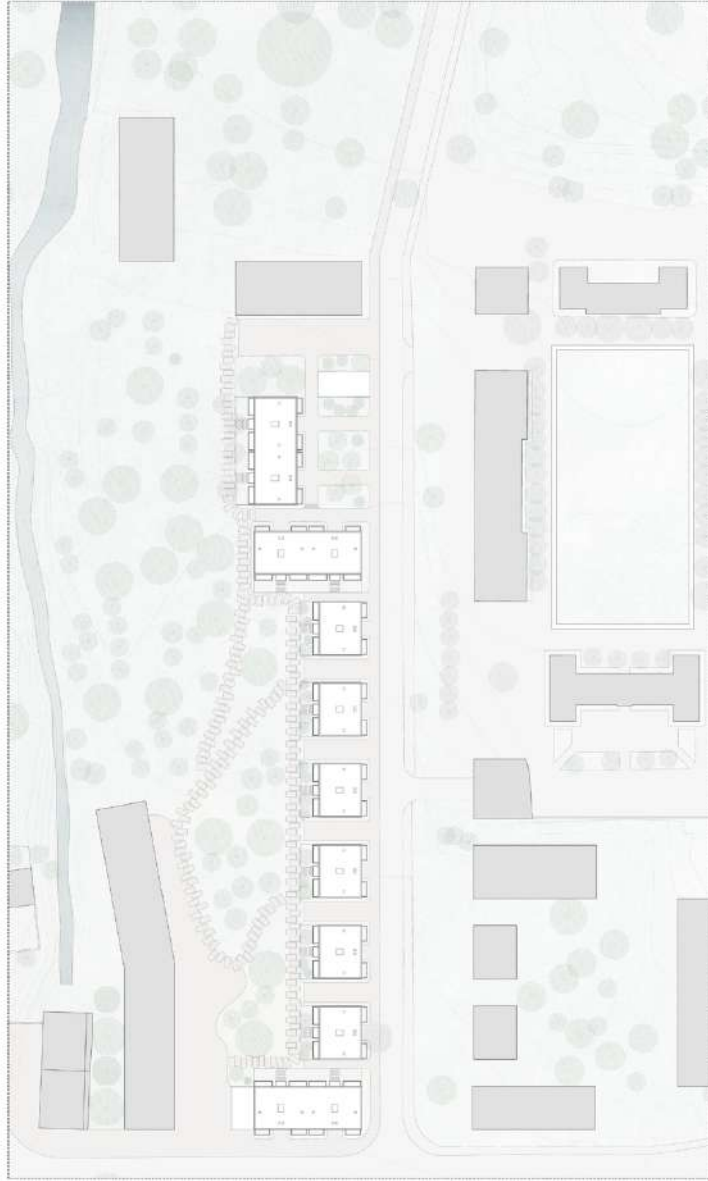
Axonometria - Proposta

Alçado Este



204

Planta de Implantação



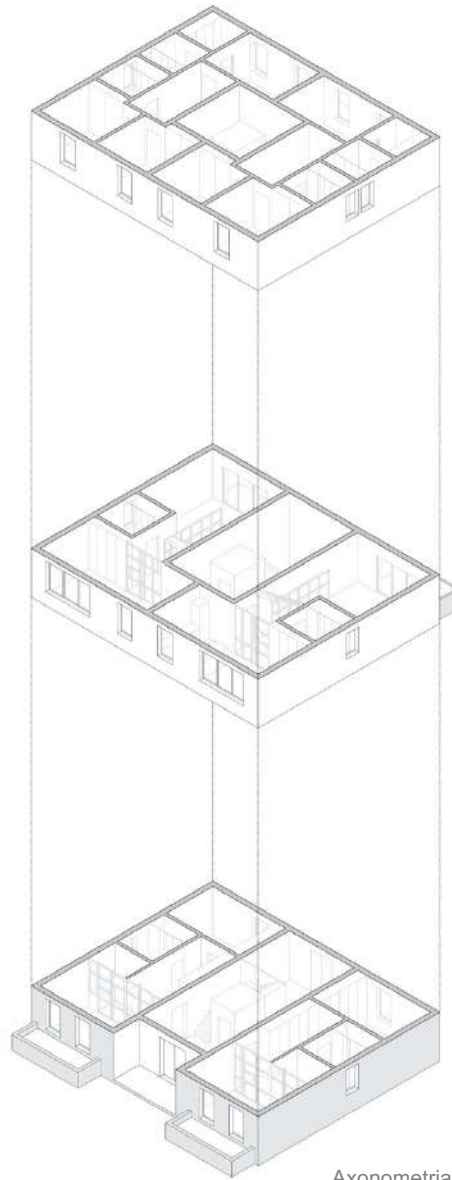
Alçado Norte

0 30

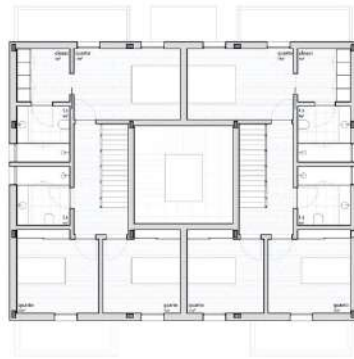


Alçado Oeste

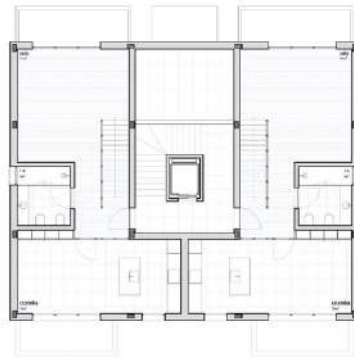




Axonometria - Tipologias



2º Andar



1º Andar



Rés do chão





Corte aa'

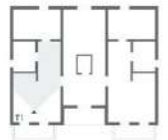


Corte bb'

0 3



Perspetiva T3



Perspetiva T1